Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Letras
Curso de Letras – Tradução – Inglês

BÁRBARA GUIMARÃES LUCATELLI

TRADUZINDO A FANTASIA:

A RETRADUÇÃO DE "A WRINKLE IN TIME"

Brasília

2011

Traduzindo a fantasia:

a retradução de "A Wrinkle in Time"

Projeto Final do Curso de Tradução
Aluno: Bárbara Guimarães Lucatelli
Orientador: Julio Cesar Monteiro
Brasília, junho de 2011

Agradeço aos meus pais e à minha irmã, pelo apoio e compreensão. Aos amigos. A todos os professores, em especial ao professor Julio Cesar pela ajuda e paciência que foram fundamentais para a realização do projeto.

“You have to write the book that wants to be written. And if the book will be too difficult for grown-ups, then you write it for children.”

Madeleine L’Engle

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 2
1.1. Apresentação 2
1.2. Justificativa 3
1.3. Objetivo 4
1.4. Metodologia 4
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS 6
2.1. Relação entre leitor e obra 6
2.2. Retradução 11
TRADUÇÃO 16
RELATÓRIO 58
4.1. Procedimentos técnicos 58
4.2. Pontuação 61
4.3. Intertextualidade 63
4.4. Retradução 66
CONSIDERAÇÕES FINAIS 69
REFERÊNCIAS 70

INTRODUÇÃO

> A tradução nunca foi uma atividade isolada. Sempre há um contexto no qual a tradução ocorre, uma história a partir da qual um texto emerge e outra para a qual um texto é transposto. A tradução sempre cumpriu um propósito específico ou vários propósitos ao mesmo tempo, e cada vez é moldada por uma força, poder ou razão (AKSOY, 2008).

1.1. Apresentação

O ato de traduzir vai muito além de uma atividade mecânica, como muitas pessoas pensam, na qual um indivíduo substitui uma palavra em uma língua A para um língua B (cf. RÓNAI, 1981:17). Na verdade, as palavras só possuem sentido quando inseridas em um contexto. Assim, considerando a importância do todo no qual palavras e frases estão inseridas, "o papel do tradutor torna-se mais importante; perde o que tinha de mecânico e se transforma numa atividade seletiva e reflexiva (RÓNAI, 1981:18)".

Como *contexto* pode-se entender não somente o tema tratado, mas também a cultura na qual o texto foi escrito e a aquela para a qual será traduzido, o propósito da obra, o público-alvo, paratexto, entre outros fatores.

Madeleine L'Engle nasceu na cidade de Nova Iorque em 1918. Ainda quando criança, ela tinha muito interesse por leitura e desenho. Atualmente, tem mais de 35 livros publicados e quase todos abordam temas de seu interesse como o cristianismo, a ciência e a crença no amor e na família. A autora acredita que não é possível desvencilhar a escrita de todo o universo que a rodeia. Segundo ela, "One cannot discuss structure in writing without discussing structure in all life; it is impossible to talk about why anybody writes a book or paints a picture pr composes a symphony without talking about the nature of the universe (L'Engle)".

O livro a *Wrinkle in Time* foi publicado pela primeira vez em 1962 depois de ser rejeitado 26 vezes porque os editores não conseguiam identificar qual seria o público-alvo, já que a história era protagonizada por crianças, mas, ao mesmo tempo, abordava temas científicos como a teoria da relatividade de Albert Einstein.

Após a sua publicação por Farrar, Strauss, & Giroux o livro foi um sucesso e, em 1923, venceu o prêmio literário *Newberry Medal*, um prêmio da Associação para livros infantis, subdivisão da *American Library Association* (ALA). Entretanto, no Brasil, embora tenha sido traduzido e publicado no ano 2000 pela editora Mundo Cristão sua repercussão foi muito pequena, não sendo possível encontrar críticas e comentários a respeito dela e, inclusive, o próprio livro está esgotado no fornecedor.

Na obra, é narrada a história de Meg Murry, seu irmão e um amigo em busca do pai da garota, um cientista que já estava desaparecido havia um ano. Meg Murry é uma jovem comum e vivencia todas as complicações e dúvidas peculiares a uma menina de sua idade. A ausência de seu pai, entretanto, é algo que a afasta do mundo real e, por isso, ela tem a oportunidade de fazer uma viagem pelo tempo e pelo espaço na esperança de encontrá-lo e com a missão de livrar o universo das forças do mal.

1.2. Justificativa

A aventura de Meg Murry envolve personagens misteriosos e lugares novos e desconhecidos que fogem do plano real e dão à obra uma atmosfera fantástica que se encaixa na definição de Todorov (1968:31), segundo a qual, o fantástico é aquele fenômeno estranho que não pode ser explicado por meio das causas naturais e sobrenaturais.

O texto traduzido foi retirado do livro *A Wrinkle in Time* de Madeleine L`Engle e corresponde aos capítulos três (*Mrs Which*), quatro (*The Black Thing*) e cinco (*The Tesseract*). A opção por esses capítulos se deu porque neles estão presentes os variados aspectos que caracterizam a obra como um todo: os personagens e suas características pessoais, os planetas e toda a magia e mistério da trama.

O texto foi escolhido por seu teor literário e por conter diversos aspectos relevantes que podem ser estudados teoricamente. Dentre eles, está o fato de ser uma obra de literatura fantástica infanto-juvenil, com referências a termos científicos e citações em diversas línguas.

1.3. Objetivo

A retradução de uma obra pode ter diversas razões e objetivos. Nesse caso, a ideia é tornar a linguagem da obra mais condizente com a realidade de seu público-alvo, pois, apesar de a tradução publicada ser recente o vocabulário utilizado algumas vezes se distancia do público infanto-juvenil. Assim sendo, um aspecto que foi levado em consideração durante todo processo tradutório foi o público-alvo.

Embora a proposta deste trabalho não seja a de realizar uma tradução comparada, a retradução poderá permitir a identificação de algumas características e possíveis dificuldades tradutórias presentes na obra que podem ter contribuído para a sua pequena repercussão no Brasil. Essa obra já traduzida será utilizada como referência apenas para cotejos que podem ser usados como exemplos em outras partes deste trabalho.

1.4. Metodologia

A obra apresenta aspectos muito recorrentes, como as referências a ditados, trechos de obras de Shakespeare, por exemplo, da bíblia e frases de grandes personalidades. No caso dessas referências, buscou-se por traduções já existentes no português, principalmente a da bíblia.

Considerando que o objetivo era, principalmente, fazer uma tradução com a linguagem voltada para o público-alvo, foram realizadas consultas ao primeiro volume da série Harry Potter (Harry Potter e a Pedra Filosofal) para verificar o tipo de escolha lexical, por exemplo, que pode facilitar uma comunicação efetiva com esse público.

Quanto aos temas e termos científicos, não foi necessário fazer explicações extras, como notas de rodapé, pois, ainda que o público-alvo da tradução não tenha esse conhecimento específico, o público do original também não o tinha. Assim, sempre que aparecem, esses termos são bem explicados na própria história.

As escolhas tradutórias, de acordo com a proposta deste trabalho, foram embasadas, em sua maioria, na teoria dos *skopos*, segundo a qual a tradução é realizada observando o seu propósito específico, explícito ou implícito (NORD, 2005:10).

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1. Relação entre leitor e obra

A tradução de todo texto deve levar em consideração diversos fatores, como público alvo, cultura e objetivo do texto. Todos esses pontos são fundamentais para que a tradução desempenhe o seu papel. Assim sendo, no caso da tradução de *A Wrinkle in Time* é importante observar que a autora cria um mundo no qual as linguagens religiosas e científicas estão muito presentes e relacionadas entre si. Essa é uma característica marcante nas obras de Madeleine L'Engle e deve ser mantida no texto. O público alvo também deve ser observado, porque, segundo Cristiane Nord, o texto só é finalizado depois de lido, pois faz parte de um "jogo comunicativo" no qual os leitores, com sua bagagem cultural, representam um papel de fundamental importância:

> O ponto de partida teórico-textual para uma teoria funcional de translação é o reconhecimento de que os textos são instrumentos de comunicação inseridos numa situação comunicativa e constituem, assim, parte integrante de um 'jogo comunicativo'. Além dos elementos lingüísticos e/ou não lingüísticos, portadores de informação, fazem parte desse jogo comunicativo os próprios interlocutores ('comunicadores'), que trazem consigo a experiência e as expectativas de outros textos, sempre marcadas culturalmente, além de seu conhecimento de mundo, hábitos de comportamento, sistema de valores, intenções comunicativas etc. A 'ação' de elaborar um texto, portanto, não termina com a elaboração de um texto (a ser transmitido por meio de oralidade ou no ambiente da escrita), mas somente com a recepção pelo destinatário. O emissor tem uma certa intenção comunicativa, que ele expressa no texto, mas o fato de essa intenção atingir ou não seus objetivos depende da 'colaboração' do receptor. (*apud* ZIPSER, 2002, p. 38)

Cristiane Nord fala, ainda, da importância de se observar o fator "função textual" durante o processo tradutório, já que a função do texto (literário ou não) é uma noção pragmaticamente determinada, e o é papel do tradutor comparar a função de texto fonte com a do texto de chegada, sem supor que o fato de pertencerem à mesma tipologia textual significa terem o mesmo objetivo.

A tradução de textos literários pode ser considerada uma busca pela equivalência de mensagens, já que muitas vezes há elementos culturais específicos presentes na obra que podem alterar a interpretação do texto. Segundo Nord (1991), diversos tipos de textos são produzidos com algum propósito, como os jornais, certidões, manuais e os textos literários também se encaixariam aqui. Apesar de a classificação dos textos literários nesse grupo ser contestada por alguns teóricos, Nord acredita que os autores já pensam na forma como o texto será recebido quando "eles tentam se expressar de uma maneira compreensível" (NORD, 1997, p. 111). Assim, ela acredita que os textos são produzidos com dois propósitos: o de sua produção e o de sua recepção.

Dessa forma, inicialmente esses propósitos são estabelecidos, ainda que inconscientemente em alguns casos, pelo escritor. Entretanto, no caso da tradução literária, além disso, há diversos leitores e leituras que dificultam a identificação do propósito, da intenção e da função textual. Nord acredita que nessa sequência na qual o escritor faz as inferências do mundo de acordo com sua bagagem cultural e o leitor as compreende de acordo com suas próprias experiências, cabe ao tradutor, como leitor, decidir se "deixa o mundo do texto como ele é, explicando alguns detalhes caso necessário, ou se é possível neutralizar, ou adaptar o mundo do texto, a fim de manter a distância cultural invariável e, desta forma, alcançar uma função e um efeito específico" (NORD, 1997, p. 87).

Quanto ao gênero textual, o livro *A Wrinkle in Time*, baseado em sua temática, é classificado como literatura fantástica e, embora o termo "fantástico" possa ser definido das mais variadas formas, neste trabalho será utilizada a definição dada pelo autor búlgaro Tzvetan Todorov: "Há um fenômeno estranho que se pode explicar de duas maneiras, por meio de causas de tipo natural e sobrenatural. A possibilidade de se hesitar entre os dois criou o efeito fantástico (TODOROV, 1968, p. 31)".

A Wrinkle in time se encaixa nessa definição porque a história se passa em um universo onde seres humanos e seres de outros planetas que possuem poderes e habilidades especiais e sobrenaturais convivem naturalmente. A mistura de temas – científicos, religiosos, místicos – na obra é responsável pelo seu sucesso, mas também foi o que dificultou a sua primeira publicação.

As primeiras editoras procuradas pela autora se recusaram a publicar o livro porque não compreendiam qual seria o público alvo, já que a linguagem científica seria

demasiadamente complicada para jovens e o fato de os personagens principais serem crianças tornaria o livro desinteressante para os adultos. Dois anos depois de ser escrita, a obra foi publicada e conquistou o público infanto-juvenil, provando que a abordagem de temas novos e aparentemente complexos não seria um empecilho para a leitura, mas um desafio.

O desafio para os leitores é também para o tradutor. A temática diversificada da obra interfere na linguagem ora com diálogos simples, por exemplo, ora com termos e explicações mais técnicas. Além disso, há termos que à primeira vista são simples nomes, porém possuem um significado relacionado à obra.

Outro aspecto que deve ser considerado durante o processo tradutório é a constante referência a citações e expressões fixas em vários idiomas. Há uma personagem, Senhora Quem, que se comunica com mais facilidade utilizando expressões fixas e, por essa razão, frequentemente a intertextualidade está presente. Já na primeira frase do livro (*It was a dark and stormy night*), por exemplo, há uma alusão à obra de Edward Buwler – Lytton, Paul Clifford.

Há varias definições de intertextualidade, mas a utilizada neste trabalho será a de Genette (1993, p.10). Segundo o autor, intertextualidade é a presença de textos concretos dentro de um texto. Tal presença, quando explicitamente marcada ou pelo menos perceptível, é considerada, na crítica literária, um fator importante na construção de sentido do texto literário e atribui-se a ela a intencionalidade, ou seja, uma – na maioria das vezes, mas não necessariamente – consciente inserção de um pré-texto no texto pelo autor (cf. IRWIN 2001, 291; SCHULTZE 2004, 950).

A maior dificuldade em se traduzir expressões fixas está em buscar e encontrá-las no português. Há um momento, por exemplo, em que a personagem cita um trecho da obra “The Tempest”, de Shakespeare. Então, a melhor opção é buscar uma tradução já existente. Neste caso, encontrar uma tradução que cause o mesmo efeito do original é algo mais simples quando comparado a trechos da Bíblia, também mencionados pela Senhora Quem.

A tradução de passagens religiosas merece atenção especial porque dependendo da bíblia da qual elas foram retiradas pode haver divergência de interpretação. Na obra de Madeleine L’Engle, o tema “religião”, embora não seja predominante ou determinante, é um diferencial, pois reflete a biografia da autora (ser biográfico) que ao mesmo em que era

bastante interessada por assuntos científicos, acreditava na existência de Deus e, inclusive, frequentava a igreja. Aqui, tem-se mais uma vez a importância da relação autor-leitor.

> O autor (ser biográfico) ao criar seu universo ficcional pressupõe um leitor-modelo com a competência necessária para decodificar os variados meandros sígnicos de seu texto. Trata-se de uma estratégia discursiva (Eco:1999:31) na qual o texto prevê não só o leitor-modelo, mas também o autor-modelo. Assim, leitor e autor, ao cooperarem entre si, desempenham papéis no processo de construção textual (ASSIS, 2005).

Em seu artigo, *TL versus SL Implied Reader: Assessing Receptivity when Translating Children's Literature,* Cristina Sousa mostra exatamente como se dá a relação entre a biografia do autor e o texto de ficção.

> In her book *Reading Narrative Fiction*, Seymour Chatman defines the real author as "the flesh-and-blood person who sat down and wrote the fiction, whose biography we can discuss quite separately from her work" (1993: 240), and she describes the implied author as the "imaginary person whom we reconstruct as we read, [to whom] we attribute the set of choices that makes the story what it is" (1993: 241). But this "imaginary person," the implied author, is the real author's own creation. The real author, as Wayne Booth explains in *The Rhetoric of Fiction*, "as he writes, … creates not simply an ideal, impersonal "man in general" but an implied version of "himself " that is different from the implied authors we meet in other men's works." (1968 [1961]: 70-71). "The concept of implied author," according to Chatman, "assumes that each work of narrative fiction lives its own life. That life is relived each time a reader reads it. For it is the real readers […] who breathe life into the marks on the page as we read and attempt to make sense of them" (1993: 242). But each time a reader relives that life, he does so in a different way. Each reading is a unique experience, and cannot be repeated, even by the same real reader (SOUSA, 2002).

No livro *A Wrinkle in Time*, há uma atmosfera fantástica criada pela autora, com temas das mais variadas ordens e personagens bastante diferentes. Isso, em um primeiro momento parece bastante distante da biografia da autora. Entretanto, quando tomamos conhecimento de

fatos e acontecimentos da vida de Madeleine L'Engle podemos ver o quanto ela se expressa por meio de seus personagens.

Essa expressão foi, inclusive, foi um dos fatores responsáveis pela dificuldade para a publicação do livro. A ALA (*American Library Association*) lista o livro como um dos 100 mais recusados. especialmente, porque a autora aborda o cristianismo do ponto de vista liberal e, inclusive, em um trecho da obra, Jesus aparece numa mesma lista com nomes de filósofos e cientistas, todos apresentados como pessoas que trazem luz para a Terra (L'Engle, 1962: 100):

> "Who have our fighters been?" Calvin asked.
>
> "Oh, you must know them, dear," Mrs. Whatsit said.
>
> […]
>
> "Jesus!" Charles Wallace said. "Why of course, Jesus!"
>
> "Of course!" Mrs Whatsit said. "Go on, Charles, love. There were others. All your great artists. They've been lights for us to see by."

Quando o livro foi publicado, contudo, o público-alvo pareceu não notar a abordagem religiosa ou, pelo menos, não a considerou ofensiva. Na verdade, o enredo e os elementos fictícios aparentemente foram o foco da atenção do leitor e responsáveis pelo sucesso nos Estados Unidos.

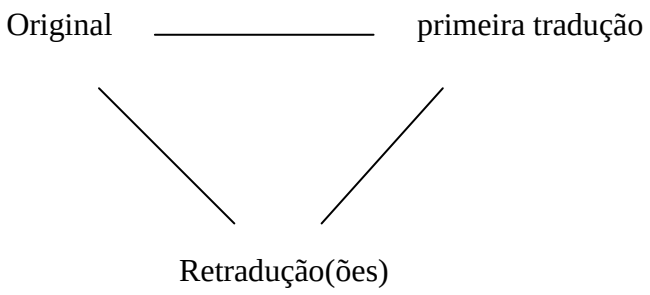
Independentemente da boa repercussão da obra junto aos leitores, a questão religiosa é relevante porque está intimamente ligada à cultura. Nos Estados Unidos, temas relacionados à religião, sexualidade, política e etnia são sempre foco de atenção de críticos literários e, principalmente, fundamentalistas religiosos e, por isso, obras que se referem de alguma maneira considerada ofensiva à religião podem ser banidas ou censuradas – como aconteceu com *A Wrinkle in Time*.

Como dito anteriormente, *A Wrinkle in Time* já tem uma tradução para o português publicada, curiosamente, pela Editora Mundo Cristão. Isso mostra que, no Brasil, talvez essa questão religiosa tenha sido vista sob outra ótica, pelo menos pelos cristãos.

Entretanto, o fato de ter sido aceita e publicada por uma editora cristã pode ser, também, um dos motivos para a repercussão da obra ter sido muito pequena, pois o público-alvo acaba sendo limitado às crianças e jovens cristãos.

2.2. Retradução

A tradução pode se distinguir em dois espaços: o das *primeiras traduções* e o das *retraduções* (BERMAN, 1999: 96). A distinção entre as duas categorias, segundo o autor, é uma das bases de uma reflexão sobre a *temporalidade do traduzir*, cujo simples esboço pode ser encontrado em Benjamin e Goethe. Berman explica, ainda, que ao se retraduzir o tradutor não se depara apenas com *um* texto, mais com dois ou mais, o que desenha um espaço específico (cf. BERMAN, 1999:97):



Este trabalho é a retradução de um texto que já foi traduzido por Eduardo Pereira e Ferreira para o português. A primeira tradução foi publicada no ano 2000 pela editora Mundo Cristão e, embora a edição seja recente, a proposta desta retradução é adaptar a linguagem de forma a torná-la mais condizente com a realidade do provável público-alvo – jovens entre 12 e 14 anos.

> The term ‘retranslation’ most commonly denotes either the act of translating a work that has previously been translated into the same language, or the result of such an act, i.e. the retranslated text itself. ‘Retranslation’ is sometimes also used to refer to an ‘indirect’, ‘intermediate’ or relay translation, i.e. a text that is translated through a mediating source language (Shuttleworth and Cowie 1997:76; Gambier 1994:413).

O sucesso da comunicação entre texto e leitor depende fortemente da relação entre a mensagem do texto e o leitor, pois este seria o final de uma cadeia iniciada pelo autor. Nessa cadeia, entretanto, o que é passado de um para o outro é simplesmente a mensagem, e ela está sujeita a diversas interpretações, que irão variar de acordo com a bagagem cultural e com as experiências de seu receptor. Este, por sua vez, desempenha um papel fundamental na "existência" da obra, pois, como defende Cândido "(…) embora a obra literária seja sempre única e pessoal, na medida em que ela não alcançar ressonância, não tornar-se coletiva através da aceitação de um público, tal obra não existirá como literatura (CÂNDIDO, 1975)".

Em uma cadeia de comunicação que envolve duas línguas e culturas diferentes o papel do tradutor é fundamental. Ele será responsável por estabelecer a ligação entre as culturas. No caso de "A Wrinkle in Time", a questão cultural não é exatamente o maior problema para o tradutor, porque a obra não apresenta características culturais específicas. Tanto o tema abordado quanto os cenários e situações estão no plano fantástico e, portanto, distante de uma realidade palpável.

À primeira vista, o fato de a obra envolver temas e termos religiosos e científicos, por exemplo, pode ser uma possível justificativa para a baixa repercussão de "Uma dobra no tempo" no Brasil. Entretanto, uma leitura mais detalhada e o acesso a depoimentos de leitores de idades diferentes, que leram a obra em épocas diferente, permitem observar que os aspectos técnicos apresentados no texto, embora importantes para o enredo, não são os maiores responsáveis pela boa aceitação do livro. Essa se deve, principalmente, à identificação dos leitores com os três personagens principais (Meg Murry, Charles Wallace e Calvin) – todos eles são crianças que se sentem deslocadas no mundo e recebem o desafio e a oportunidade de viajar para outras dimensões com o desejo e a missão de resgatar o pai de Meg Murry e Charles Wallace, além de proteger o universo das forças do mal.

A ideia de fazer uma retradução é justamente buscar escolher palavras e estruturas gramaticais que permitam ressaltar essa característica literária presente no inglês, mas que pode ser facilmente perdida na tradução, caso esta seja feita dando um foco maior no texto em si e não na mensagem presente nele. Além disso, é importante ressaltar que o tradutor, mesmo que tente buscar a invisibilidade, também possui o seu próprio estilo e este se mostra em simples escolhas, por exemplo.

No livro “Literary translation – A Practical Guide”, Clifford E. Landers apresenta o conceito de “idiolect”, criado por David Crystal, que mostra o quanto duas traduções podem estar igualmente corretas, ainda que não sejam idênticas.

> Probably no two people are identical in the way they use language or react to the usage of others. Minor differences in phonology, grammar, and vocabulary are normal, so that everyone has, to a limited extent, a ‘personal dialect.’[T]he linguistic system as found in a single speaker…is known as an idiolect (Crystal, 1997).

Assim sendo, acredita-se que uma nova tradução pode contribuir para a melhor aceitação do livro pelo público brasileiro.

Na verdade, para se compreender melhor a questão de aceitação, seria necessária uma pesquisa mais aprofundada. Entretanto, considerando que uma editora cristã não avaliou a temática religiosa como ofensiva e que não há temas culturais específicos que poderiam ser barreiras para a tradução, é possível que a linguagem e a estrutura do texto em português contribuam para a repercussão da obra.

> The dynamic equivalence approach thus adapts the translation to the realities of the target language and culture, so that the meaning or message of the source text can be clearly understood. Translators are free to use different terms, different grammatical constructions, and even different word and sentence orders, in order to express the meaning of the source text (TAHIR-GÜRÇAGLAR, 1998).

É importante ressaltar que, além dos códigos, outros fatores devem ser observados e considerados durante o processo tradutório, pois eles também fazem parte da composição da obra e, consequentemente, da sua repercussão. De acordo com o sistema teórico de descrição literária de Lambert e Van Gorp (1985) devem ser considerados: a) os dados preliminares, como as informações que estão na capa e na contra-capa, folha de rosto: nome da autora, título, ISBN, direitos autorais, data da publicação e comentários a respeito da obra; b) macro-estrutura: estrutura da obra, divisão dos capítulos, nomeação ou não dos capítulos, os diálogos presentes no texto; c) micro-estrutura: registro da linguagem, o tom do texto, a pontuação e o

estilo utilizados nas falas dos personagens, os nomes próprios e d) contexto sistêmico: público alvo, recepção (comentários de jornais e revistas).

Assim sendo, uma análise mais detalhada e uma comparação entre os dados preliminares, macro-estrutura e micro-estrutura e contexto sistêmico presentes no livro original e na tradução, permitem observar a diferença, principalmente, quanto ao público alvo e à repercussão da obra. A definição de Genette para paratexto já traz em si a importância que ele tem para a obra.

> (…) paratext is for us the means by which a text makes a book of itself and proposes itself as such to its readers, and more generally to the public. Rather than with a limit o r a sealed frontier, we are dealing in this case with a threshold, or-the term Borges used about a preface-with a "vestibule" which offers to anyone and everyone the possibility either of entering or of turning back. (GENETTE, GÉRARD; MACLEA, MARIE – 1991: 261-272)

As capas dos dois livros são bastante diferentes, sendo que no original há um selo indicando que Madeleine L'Engle ganhou o prêmio *Newberry Medal* pela notável contribuição para literatura americana para crianças. Já na tradução, há apenas o nome da obra e o nome da autora.

No livro em inglês, no verso, a primeira frase aparece destacada e em seguida há um breve resumo da história. Então, mais uma vez, há uma referência ao prêmio e são mostrados os outros volumes da série. Por fim, lê-se a mensagem de que Anna Quindlen – escritora, jornalista e renomada colunista do *New York Times* – fez a apreciação do livro. Por outro lado, na obra em português, no verso há apenas um pequeno resumo do livro. Entretanto, há orelhas nas quais pode-se ler um trecho do próprio livro, um resumo sobre a autora e sua obra no qual se comenta sobre o prêmio e um trecho retirado de outra obra (*Walking on Water*) da autora que fala exatamente da relação entre ela e a religião:

> Eu não escrevo livros nem para cristãos nem para mulheres. Se eu entendo o Evangelho, ele diz que devemos espalhar as Boas Novas pelos quatro cantos do mundo, sem nos limitarmos a mostrar a luz às pessoas que já a conhecem. Se minhas histórias forem incompreensíveis para judeus, muçulmanos ou taoístas, então eu terei falhado como escritora cristã.

> Não levamos pessoas a Cristo desprezando publicamente o que elas acreditam, nem dizendo como elas estão erradas e nós, certos. Nós as levamos a Cristo apresentando uma luz tão fascinante que elas desejarão de todo o coração saber a origem dela.

A partir dessa análise, é possível notar o quanto o público alvo do original é mais abrangente e a obra mais comercial, quando comparada à tradução brasileira. Essa, por sua vez, dá bastante foco à questão religiosa, que não é ressaltada no livro em inglês, e faz menções superficiais aos aspectos comerciais, como o prêmio.

Todos esses pontos são importantes e devem ser observados porque interferem no resultado final, inclusive nas escolhas linguísticas feitas pelo tradutor. Essas também serão determinantes para a apresentação do texto e da mensagem que se quer transmitir com a tradução que, como explicado por Alba Olmi, pode receber um tratamento diferente dependendo dos mais diversos fatores:

> […] da tipologia do texto em si, do autor, da época de sua criação e publicação, da ideologia subjacente ao texto (e ao próprio tradutor), das diferenças entre língua-fonte (LF) e língua-alvo (LA), da distância temporal que separa o original da tradução, dos objetivos da tradução, do enfoque tradutório que depende, em grande parte, da formação e filosofia do tradutor, do conhecimento do autor/obra, das línguas e das culturas em jogo. Não último, do interesse de editores e livreiros. Por essas razões, a cada tradução correspondem diversos fatores que englobam tanto aspectos relacionados com modalidade escolhida para a tradução, isto é, a forma dada à tradução – que poderá ser tanto uma transposição literal, ou uma recriação da obra, – bem como aspectos socioculturais, ideológicos e até econômicos. (OLMI, 2011)

Assim sendo, os pressupostos teóricos aqui apresentados servirão de base para o processo tradutório e para justificar as escolhas realizadas em busca de atingir o objetivo inicial de difundir o livro de maneira mais abrangente para o seu público-alvo.

TRADUÇÃO

Uma dobra no tempo

Capítulo 1 - Sra. Queisso

Capítulo 2 - Sra. Quem.

Capítulo 3

Senhora Qual

Na floresta, já estava anoitecendo e eles andavam em silêncio. Charles e Fortinbras apostavam corrida na frente. Calvin andava com Meg, os dedos dele tocavam os braços dela levemente em um gesto de proteção.

“Essa foi a tarde mais impossível e confusa da minha vida”. Ela pensou. “Mesmo assim eu não me sinto mais confusa ou triste; só sinto felicidade. Por quê?”

– Talvez a gente não devesse ter se conhecido antes disso – Calvin disse. – Quero dizer, eu sabia quem você era na escola e tudo mais, mas eu não te conhecia. Só que agora eu estou feliz de ter te conhecido, Meg. Nós seremos amigos, sabe?!

– Eu também estou feliz – Meg sussurrou e eles ficaram em silêncio de novo.

Quando eles voltaram para casa, a Senhora Murry ainda estava no laboratório. Ela estava observando um líquido azul claro passar lentamente por um tubo, de um béquer para uma retorta. Sobre um bico de Bunsen fervia um grande prato de barro de ensopado.

– Não contem para Sandy e Dennys que eu estou cozinhando aqui – ela disse. – Eles sempre suspeitam que alguns elementos químicos podem cair na carne, mas eu estava fazendo um experimento e queria ficar aqui.

– Mãe, esse é o Calvin O´Keefe – disse Meg. – Tem comida suficiente para ele também? Está com um cheiro ótimo.

– Olá, Calvin – a Senhora Murry deu um aperto de mãos. – É um prazer te conhecer. Nós não temos nada além de ensopado hoje, mas é um bem forte.

– Me parece maravilhoso – disse Calvin. – Posso usar o seu telefone para avisar para minha mãe onde estou?

– Claro. Você mostra a ele onde está o telefone, por favor, Meg? Eu vou pedir para você não usar esse aqui, se você não se incomoda. Eu gostaria de terminar esse experimento.

Meg mostrou o caminho para a casa. Charles Wallace e Fortinbras tinham saído. Lá fora, ela podia ouvir Sandy e Dennys martelando no forte que eles estavam construindo em uma das árvores.

– Por aqui – Meg passou pela cozinha em direção à sala.

– Eu nem sei por que eu ligo para ela quando não vou voltar – Calvin disse com uma voz amarga. – Ela nem perceberia. – Ele suspirou e discou. – Mãe? Ah, Hinky. Fala para a mamãe que eu só vou chegar em casa mais tarde. Agora, não se esqueça. Eu não quero ficar trancado do lado de fora outra vez.

Ele desligou e olhou para Meg.

– Você sabe como é sortuda?

Ela deu um sorriso um pouco irônico.

– Nem sempre.

– Uma mãe como aquela! Uma casa como essa! Nossa, sua mãe é linda. Você tinha que ver a minha mãe. Ela perdeu todos os dentes de cima e o papai comprou uma dentadura para ela, mas ela nem usa. E, na maioria dos dias, nem penteia o cabelo. Não que faça muita diferença quando ela penteia, – ele cerrou os punhos – mas eu a amo. Essa é a parte engraçada. Amo todos eles e eles nem ligam pra mim. Talvez seja por isso que eu ligo quando não vou voltar para casa. Porque eu me importo. Ninguém mais se importa. Você não sabe como você tem sorte de ser amada.

Meg disse meio surpresa:

– Acho que nunca pensei sobre isso. Acho que tinha como certo.

Calvin pareceu triste, mas depois seu sorriso enorme tomou conta do rosto de novo.

– As coisas vão acontecer, Meg! Coisas boas! Eu sinto! – Calvin começou a passear, ainda devagar, pela agradável, embora modesta, sala. Ele parou em frente a uma fotografia sobre o piano de um pequeno grupo de homens juntos em uma praia.

– Quem são esses?

– Ah, um grupo de cientistas.

Meg foi até a foto.

– Cabo Canaveral. Esse aqui é o papai.

– Qual?

– Aqui.

– O que está de óculos?

– Aham. O que está precisando cortar o cabelo – Meg deu uma risadinha, esquecendo suas preocupações em meio ao prazer de mostrar a foto para Calvin. – O cabelo dele é mais ou menos da mesma cor do meu e ele continua se esquecendo de cortar. Minha mãe acaba cortando para ele, ela comprou tesoura e tudo mais, porque ele não gosta de perder tempo para ir ao barbeiro.

Calvin analisou a fotografia.

– Eu gosto dele – anunciou solenemente. – Ele parece com o Charles Wallace, né?!

Meg riu de novo.

– Quando Charles era bebê, ele era exatamente igual ao papai. Era muito engraçado.

Calvin continuou olhando para a foto.

– Ele não é bonito nem nada, mas eu gosto dele.

Meg ficou indignada.

– Ele é lindo.

Calvin negou com a cabeça.

– Não. Ele é alto e magro como eu.

– Ah, mas eu acho você bonito – Meg disse. – Os olhos do meu pai também são parecidos com os seus, sabe? Bem azuis. Só não dá pra ver muito bem os dele por causa dos óculos.

– Onde ele está agora?

Meg ficou tensa, mas não precisou responder por que a porta do laboratório para a cozinha se abriu e a Sra. Murry entrou carregando um prato de ensopado.

– Agora, – ela disse – vou terminar isso direito, no fogão. Você já fez o dever de casa, Meg?

– Não todo – Meg disse voltando para a cozinha.

– Então, tenho certeza de que o Calvin não vai se importar se você terminar antes do jantar.

– Claro que não, vai lá – Calvin buscou no bolso e tirou um pedaço de papel dobrado. – Na verdade, eu também tenho umas coisas para terminar. Matemática. Tá aí uma coisa que eu tenho dificuldade em aprender. Eu meu saio bem em qualquer coisa que tenha a ver com palavras, mas não me saio tão bem com números.

A Senhora Murry sorriu.

– Por que você não pede ajuda para Meg?

– É porque eu estou algumas séries na frente dela.

– Mesmo assim, tente pedir para ela te ajudar com matemática – a Senhora Murry sugeriu.

– Sim, claro – Calvin disse. – Aqui está. Mas é bem complicado.

Meg desamassou o papel e analisou.

– Eles se importam com o jeito como você faz? – Ela perguntou. – Quer dizer, você pode resolver do seu jeito?

– Bem, posso, desde que eu entenda e acerte as respostas.

– Ah é porque *nós* temos que fazer do jeito *deles*. Agora, veja, Calvin, você não vê como seria bem mais fácil se você fizesse *desse* jeito? – O seu lápis voou sobre o papel.

– Ei! – Calvin disse – Ei! Eu acho que entendi. Me mostra mais uma vez em outro.

Novamente, o lápis de Meg estava ocupado.

– Tudo o que você tem que fazer é lembrar que toda fração ordinária pode ser convertida em uma fração decimal periódica infinita. Entende? Então, 3/7 é igual a 0,428571.

– Essa é a família mais maluca de todas – Calvin sorriu para Meg. – Eu deveria parar de me surpreender a partir de agora, mas você é considerada burra na escola, sempre leva advertências.

– Ah, eu sou.

– O problema da Meg com a matemática, – disse a Senhora Murry alegremente – é que ela e o pai costumavam brincar com os números e ela aprendeu muitos atalhos. Então, quando eles querem que ela resolva os problemas da maneira mais longa na escola, ela fica mal humorada e teimosa e cria um grande bloqueio mental.

– Têm mais bobos como Meg e Charles por aí? – Calvin perguntou. – Se tem, eu gostaria de conhecer mais deles.

– Também ajudaria se a letra de Meg fosse legível – disse a Senhora Murry. – Com bastante dificuldade, geralmente, eu posso decifrar, mas eu duvido muito que os professores dela consigam ou queiram gastar o tempo deles. Eu estou planejando dar uma máquina de escrever para ela de natal. Isso pode ser uma ajuda.

– Se eu acertar alguma coisa, ninguém vai acreditar que fui eu – falou Meg.

– O que é um megaparsec? – Calvin perguntou.

– Um dos apelidos que meu pai me deu, – Meg falou – e também 3,26 milhões de anos luz.

– O que é $E=mc^2$?

– É a equação de Einstein.

– O E significa o que?

– Energia.

– m?

– Massa.

– c^2?

– O quadrado da velocidade da luz em centímetros por segundo.

– Com quais países o Peru faz fronteira?

– Eu não tenho a menor ideia. Acho que fica em algum lugar na América do Sul.

– Qual é a capital de Nova Iorque?

– Ah, Nova Iorque, é claro!

– Quem escreveu a vida de Johnson, de Boswell?

– Ah, Calvin, eu não sou nem um pouco boa em inglês.

Calvin resmungou e olhou para a Senhora Murry.

– Eu entendo o que você diz. Eu também não gostaria de ensinar pra ela.

– Ela é um pouco unilateral, eu garanto. – Disse a Senhora Murry – Embora eu culpe a mim e ao pai dela por isso. Mas ela ainda gosta de brincar de casinha.

– Mãe! – Meg gritou agoniada.

– Ah, querida, desculpe – disse a Senhora Murry rapidamente. – Mas eu tenho certeza que o Calvin entende o que eu quero dizer.

De repente, com um gesto entusiasmado, Calvin abriu os braços completamente como se estivesse abraçando Meg e sua mãe e toda a casa.

– Como tudo isso aconteceu? Não é maravilhoso? Eu me sinto como se tivesse acabado de nascer! Não estou mais sozinho! Vocês entendem o que isso significa para mim?

– Mas você é bom em basquete e tal – Meg protestou. – Você é bom na escola. Todo mundo gosta de você.

– Por todas as razões menos importantes – Calvin disse. – Não tinha ninguém, ninguém, no mundo com quem eu pudesse conversar. Claro que eu posso agir no mesmo nível que qualquer outra pessoa, posso me colocar em um nível mais baixo, mas aí não sou eu.

Meg pegou alguns garfos na gaveta e ficou os virando e virando, olhando para eles.

– Estou toda confusa de novo.

– Ah, eu também, – disse Calvin alegremente – mas agora pelo menos eu sei que estamos indo a algum lugar.

Meg ficou satisfeita e um pouco surpresa quando os gêmeos ficaram felizes porque Calvin ia ficar para o jantar. Eles sabiam mais de seu recorde atlético e ficavam bem mais impressionados com ele do que ela. Calvin comeu cinco pratos de ensopado, três tigelas de gelatina e uma dúzia de biscoitos. Os gêmeos, que já tinham terminado o dever de casa, puderam assistir meia hora de televisão. Meg ajudou sua mãe com as louças e depois se sentou à mesa para continuar a luta com seu dever de casa, mas não conseguiu se concentrar.

– Mãe, você está triste? – ela perguntou de repente.

A Senhora Murry levantou os olhos de uma revista científica inglesa que estava folheando. Por um momento, ela não falou nada. Depois disse:

– Estou.

– Por quê?

Mais uma vez a Senhora Murry fez uma pausa. Ela soltou suas mãos e olhou para elas. Elas eram longas, fortes e bonitas. Com os dedos da mão direita, ela tocou o largo anel de ouro no terceiro dedo da mão esquerda.

– Eu ainda sou uma mulher muito jovem, sabe?! – Finalmente, ela falou. – Embora eu saiba que é difícil para vocês, crianças, compreenderem. E eu ainda amo muito o seu pai e sinto uma saudade terrível dele.

– E você acha que tudo isso tem a ver com o papai?

– Acho que deve ter.

– Mas o que?

– Isso eu não sei. Mas parece a única explicação.

– Você acha que as coisas sempre têm uma explicação?

– Sim. Eu acredito que elas tenham, mas eu acho que com as nossas limitações humanas, nós nem sempre somos capazes de compreender essas explicações. Veja bem, Meg, só porque nós não compreendemos não quer dizer que a explicação não exista.

– Eu gosto de entender as coisas – disse Meg.

– Nós todos gostamos, mas nem sempre é possível.

– Charles Wallace entende mais do que o resto de nós, não entende?

– Entende.

– Por quê?

– Eu acho que é porque ele… bem, ele é diferente, Meg.

– Diferente como?

– Eu não sei exatamente. Você mesma sabe que ele não é igual às outras pessoas.

– Não e eu também não gostaria que ele fosse – Meg disse defensivamente.

– Querer não tem nada a ver com isso. Charles Wallace é o que ele é. Diferente. Novo.

– Novo?

– É. Isso é o que eu e seu pai sentimos.

Meg torceu o lápis com tanta força que ele quebrou. Ela riu:

– Desculpe. Eu não quero ser uma destruidora. Só estou tentando entender as coisas.

– Eu sei.

– Mas o Charles Wallace não *aparenta* ser diferente de ninguém.

– Não, Meg, mas as pessoas são mais do que a aparência. A diferença do Charles Wallace não é física. É na essência.

Meg respirou fundo, tirou os óculos, os girou e depois colocou de volta.

– Bem, eu sei que Charles Wallace é diferente e sei também que ele é algo *mais*. Acho que vou ter que aceitar isso sem entender.

A Senhora Murry sorriu para ela.

– Talvez essa seja a ideia que eu quero passar.

– É… – disse Meg desconfiada.

Sua mãe sorriu novamente.

– Talvez seja por isso que a nossa visita de ontem à noite não tenha me surpreendido. Talvez seja por isso que eu consiga ter uma… uma suspensão voluntária da descrença. Por causa do Charles Wallace.

– *Você* é como o Charles Wallace?

– Eu? Céus! Não. Eu sou abençoada com mais inteligência e oportunidades que muitas pessoas, mas não há nada de extraordinário em mim.

– Sua aparência – disse Meg.

A Senhora Murry riu.

– Você não tem muita base para comparação, Meg. Eu sou bem comum, na verdade.

Calvin O'Keefe entrou e disse:

– A-ha!

– Tudo certo com Charles? – A Senhora Murry perguntou.

– Sim.

– O que você leu para ele?

– Gênesis. Ele que escolheu. A propósito, que tipo de experimento era aquele em que você estava trabalhando hoje à tarde, Senhora Murry?

– Ah, era uma coisa que eu e meu marido estávamos inventando juntos. Eu não quero estar *tão* atrás dele quando ele voltar.

– Mãe, – Meg continuou – Charles diz que eu não sou nem uma coisa nem outra, nem isso nem aquilo.

– Ah, pelo amor de Deus, – disse Calvin – você é a *Meg*, não é? Vem, vamos dar uma volta.

Mas Meg ainda não estava satisfeita.

– E o que você acha do Calvin? – Ela perguntou para a mãe.

A Senhora Murry riu.

– Eu não quero achar nada do Calvin. Eu gosto muito dele e estou muito feliz que ele tenha se encontrado aqui.

– Mãe, você ia me falar sobre o tesserato.

É, – disse a Senhora Murry com um olhar preocupado – mas não agora, Meg. Não agora. Vai dar uma volta com o Calvin. Vou subir para dar um beijo no Charles e depois tenho que ver os gêmeos irem para a cama.

Lá fora, a grama estava molhada de orvalho. A lua já estava na metade de seu caminho e ofuscava as estrelas que estavam ao seu redor. Calvin estendeu sua mão e pegou a de Meg em um gesto tão simples e amigo quanto um de Charles Wallace.

– Você estava chateando sua mãe? – Ele perguntou gentilmente.

– Eu acho que não. Mas ela está chateada.

– Com o que?

– O papai.

Calvin conduziu Meg pelo gramado. As sombras das árvores eram longas e retorcidas e havia um forte e doce cheiro de outono no ar. Meg tropeçou com a inclinação repentina do terreno, mas a mão forte de Calvin a segurou. Eles caminharam cuidadosamente pela horta dos gêmeos, buscando um caminho entre os pés de repolho, beterraba, brócolis e abóboras. Crescendo à esquerda estavam os altos pés de milho. À frente, havia um pequeno pomar de macieiras cercado por um muro de pedras e mais à frente a mata por onde eles haviam caminhado à tarde. Calvin abriu caminho até o muro e sentou-se lá, seu cabelo vermelho brilhava como prata à luz da lua e seu corpo estava manchado com a sombra do emaranhado de galhos. Ele esticou o braço, pegou uma maçã de um galho deformado e deu para Meg, depois pegou uma para ele.

– Ma fala sobre o seu pai.

– Ele é físico.

– Tá, todo mundo sabe disso. E supostamente ele deixou sua mãe e foi embora com outra mulher.

Meg levantou rapidamente do alto da pedra onde estava sentada, mas Calvin a agarrou pelo pulso e a puxou para baixo.

– Espera, menina. Eu não disse nada que você ainda não tivesse escutado, disse?

– Não. – Meg disse, mas continuou se afastando – Me deixa ir.

– Vem cá, calma. *Você* sabe que não é verdade, eu sei que não é verdade. Além disso, se *alguém*, mesmo depois de ver a sua mãe, pensa que um homem a deixaria por qualquer outra mulher só mostra até onde a inveja leva as pessoas. Não acha?

– Acho que sim. – Meg disse, mas sua felicidade já havia ido e ela estava de volta para um pântano de raiva e ressentimento.

– Calma, bobinha – Calvin a balançou gentilmente. – Eu só quero entender as coisas direito, tipo separar a verdade da ficção. Seu pai é um físico. Certo?

-É.

– Ele tem vários pós-doutorados.

– Tem.

– Na maior parte do tempo, ele trabalha sozinho, mas algumas vezes ele trabalhava no Instituto de Ensino Superior em Princeton. Certo?

– Certo.

– A partir de agora, você continua. Isso é tudo que eu sei.

– Isso também é tudo que eu sei – Meg disse. – Talvez a mamãe saiba mais. Eu não sei. O que ele fazia, bem… é o que eles chamam de Confidencial.

– Supersecreto, você quer dizer?

– Isso mesmo.

– E você não tem nem ideia do que se tratava?

Meg negou com a cabeça.

– Não. Na verdade, não. Só uma ideia por causa do lugar onde ele estava.

– Bem, onde ele estava?

– Ele estava no Novo México por um tempo; nós estávamos lá com ele. Depois, ele foi para a Flórida para o Cabo Canaveral e nós também fomos com ele. Aí, ele ia ficar viajando muito e nós viemos para cá.

– Vocês sempre tiveram essa casa?

– Sim, mas a gente costumava vir pra cá só no verão.

– E você não sabe para onde seu pai foi mandado?

– Não. No começo, a gente recebia muitas cartas. Mamãe e papai sempre escreviam um para o outro, todos os dias. Eu acho que a mamãe ainda escreve para ele toda noite. De vez em quando, a moça que entrega as cartas sempre faz uma piadinha sobre as cartas dela.

– Eu acho que eles pensam que ela está perseguindo ele – Calvin disse um pouco amargo. – Eles não conseguem compreender o amor puro e simples quando só o vêem. Tá, continue. O que aconteceu depois?

– Não aconteceu nada – disse Meg. – Esse é o problema.

– Bem, mas… e as cartas do seu pai?

– Elas simplesmente pararam de chegar.

– Você não ouviu mais nada?

– Não. Nada. – Meg disse com uma voz carregada de mistério.

O silêncio caiu entre eles, tão nítido quanto as sombras escuras das árvores que estavam sobre seus colos e que agora pareciam tão pesadas como se pudessem ter seu peso calculado.

Por fim, Calvin falou com uma voz seca e sem emoção, sem olhar para Meg.

– Você acha que ele pode ter morrido?

Novamente, Meg se levantou rapidamente e novamente Calvin a puxou.

– Não! Eles teriam nos avisado. Sempre tem um telegrama ou alguma coisa assim. Eles sempre avisam.

– O que eles *dizem* pra vocês?

Meg prendeu o soluço e consegui falar.

– Ah, Calvin, a mamãe já tentou várias vezes descobrir. Ela já foi a Washington e tudo. E tudo o que eles dizem é que ele está em uma missão secreta e perigosa e que ela pode ficar muito orgulhosa dele, mas não ele não conseguirá se… se comunicar com a gente por um tempo. E falam que vão nos dar notícias assim que possível.

– Meg, não fique nervosa, mas você não acha que, talvez, eles não saibam?

Uma lágrima escorreu devagar pelo rosto dela.

– É disso que eu tenho medo.

– Por que você não chora? – Calvin perguntou gentilmente. – Você é louca pelo seu pai, não é? Vá em frente, chore. Vai te fazer bem.

A voz de Meg saiu trêmula em meio às lágrimas.

– Eu choro muito, muito. Eu deveria ser como a mamãe. Eu tinha que conseguir me controlar.

– Sua mãe é uma pessoa completamente diferente e, além disso, ela é bem mais velha que você.

– Eu queria ser uma pessoa diferente – Meg disse com a voz trêmula. – Eu me odeio.

Calvin esticou as mãos e tirou os óculos dela. Depois tirou um lenço do bolso e secou as lágrimas de Meg. Esse gesto de ternura a desmontou completamente e ela deitou a cabeça nas pernas dele e chorou. Calvin ficou calmamente ao seu lado, de vez em quando fazendo carinho na cabeça dela.

– Eu sinto muito, – ela soluçou mais uma vez – sinto muito mesmo. Agora você vai me odiar.

– Ai, Meg, você é uma boba – Calvin disse. – Você não sabe que você a coisa mais legal que me aconteceu em muito tempo?

Meg levantou a cabeça e a luz da lua mostrou a sua cara de choro; sem os óculos seus olhos eram incrivelmente lindos.

– Se o Charles Wallace é um mutante, eu sou um erro biológico.

A luz da lua se refletia em seu aparelho, enquanto ela falava.

Agora ela estava esperando ser contrariada, mas Calvin disse:

– Você sabia que essa é a primeira vez que eu te vejo sem óculos?

– Eu fico cega como um morcego sem eles. Eu sou míope como o papai.

– Bem, sabe de uma coisa?! Seus olhos são maravilhosos – disse Calvin. – Olha, eu acho que você faz bem em usar seus óculos. Acho que não quero que mais ninguém veja os olhos lindos que você tem.

Meg sorriu satisfeita. Ela podia sentir que estava ficando vermelha e se perguntava se daria pra ver com a luz da lua.

– Ok, parem, vocês dois. – Veio uma voz do meio do escuro.

Charles Wallace parou na luz.

– Eu não estava espiando vocês, – ele disse rapidamente – eu detesto estragar as coisas, mas é isso, meninos, é isso. A voz dele estava agitada.

– “É isso” o que? – Calvin perguntou.

– Nós estamos indo.

– Indo? Para onde? – Meg instintivamente agarrou a mão de Calvin.

– Eu não sei exatamente, – disse Charles Wallace – mas acho que é para procurar o papai.

De repente, dois olhos pareceram saltar sobre eles saindo da escuridão, era o reflexo da luz da lua nos óculos da Senhora Quem. Ela estava ao lado de Charles Wallace e como ela fez para aparece em um lugar onde não havia nada a não ser sombras trêmulas pouco tempo antes, Meg não tinha nem ideia. Ela ouviu um som atrás dela e virou. Lá estava a Senhora Queisso pulando o muro.

– Nossa! Como eu gostaria que não ventasse – a Senhora Queisso lamentou. – É tudo tão difícil com todas essas roupas. – Ela estava vestindo as roupas da noite anterior, botas de borracha e tudo, além de um dos lençóis da Senhora Buncombe que ele enrolou no corpo. Quando pulou o muro, o lençol ficou preso em um galho baixo. O chapéu de feltro caiu sobre os olhos e outro galho prendeu a estola rosa. – Ah, meu Deus! Nunca vou aprender.

A Senhora Quem flutuou até ela, os pezinhos pareciam mal tocar o chão, as lentes de seus óculos brilhavam. – *Come t'è picciol fallo amaro morso!* Dante. Que dor terrível uma pequena falha pode causar. – Com mãos que pareciam garras ela tirou o chapéu dos olhos da Senhora Queisso, desprendeu a estola da árvore e com um gesto hábil desenrolou o lençol e o dobrou.

– Ah, obrigada – disse a Senhora Que. – Você é tão esperta.

– *Un asno viejo sabe más que un potro*. A. Perez. Um velho burro sabe mais que um potro.

– Só porque você é alguns míseros bilhões de anos… – A Senhora Queisso estava começando a falar, indignada, quando uma voz aguda e estranha a interrompeu.

– Tuudoo beem, meniinaas. Essee nããoo éé o moomentoo paara brigaas.

– É a Senhora Qual – disse Charles Wallace.

Houve uma leve rajada de vento, as folhas balançaram, os padrões da luz da lua mudaram e em um círculo prata alguma coisa brilhou, tremeu e a voz disse:

– Eu achoo quee nãoo voouu mee mateeriaaliizarr compleetaamentee. Aachoo issoo muiitoo caansatiivoo ee nóós teemoos muiito a faazeer.

Capítulo 4 – A Coisa Sombria

As árvores estavam se balançando violentamente. Meg gritou e se agarrou Calvin, quando a voz autoritária da Senhora Qual disse:

– Quiieetaa, meeniinaa!

Havia uma sombra na frente da lua ou a lua simplesmente sumira, apagada tão abrupta e completamente como uma vela? Ainda se ouvia o som das folhas. Uma agitação aterrorizada,

aterrorizante. Toda a luz sumiu. O escuro era absoluto. De repente, o vento parou e todo o som também. Meg sentiu que Calvin estava se soltando dela. Quando ela estendeu as mãos para pegá-lo, seus dedos tocaram o nada.

Ela gritou:

– Charles! – Se era para ajudá-lo ou para ser ajudada, ela não sabia. A palavra ficou presa em sua garganta e ela ficou sufocada.

Ela estava completamente sozinha.

Perdera a proteção da mão de Calvin. Charles não estava em lugar nenhum, fosse para salvá-la ou para ser salvo. Ela estava sozinha no meio do nada. Não havia luz, som, sentimento. Onde estava seu corpo? Em pânico, ela tentou se mover, mas não havia nada para mover. Assim como a luz e o som desapareceram, ela também desaparecera. A Meg em pessoa simplesmente não existia.

Depois, ela começou a sentir seus membros novamente. Seus braços e pernas formigavam vagamente, como se estivessem dormentes. Piscou os olhos rapidamente, mas, embora ela estivesse de certa forma de volta, nada mais estava. Não era tão simples quanto o escuro ou ausência de luz. A Escuridão tem uma qualidade tocável; pode ser movida e sentida. Na escuridão, você pode bater suas canelas; o mundo das coisas ainda existe ao seu redor. Ela estava sozinha em um vazio horripilante.

O mesmo acontecia com o silêncio. Isso era mais que silêncio. Uma pessoa surda pode sentir vibrações. Aqui não havia nada para se sentir.

De repente, ela notou que seu coração estava batendo rapidamente dentro da jaula formada por suas costelas. Será que antes ele estava parado? O que o fez bater novamente? O formigamento em seus braços e pernas foi ficando mais forte e inesperadamente ela sentiu um movimento. Esse movimento que ela sentiu deve ter sido como o movimento da terra, girando ao redor de seu próprio eixo, fazendo a sua viagem elíptica ao redor do sol. Essa sensação de se movimentar com a terra era de alguma maneira parecida com a sensação de estar no oceano, livre, além de onde as ondas se quebram, deitada na água que se move, balançando no ritmo das ondas e sentindo a gentil e implacável atração da lua.

“Estou dormindo, sonhando” – ela pensou. – “Estou tendo um pesadelo. Quero acordar. Deixe-me acordar.”

– Bem! – Disse a voz de Charles Wallace – Isso realmente foi uma viagem! Acho que vocês poderiam ter nos avisado!

A luz começou a piscar e tremer. Meg piscou, colocou os seus óculos com força e lá estava Charles Wallace indignado em frente a ela, com as mãos na cintura.

– Meg! – Ele gritou – Calvin! Onde estão vocês?

Ela via Charles Wallace, o ouvia, mas não podia ir até ele. Não conseguia seguir naquela luz escura e trêmula para encontrá-lo.

A voz de Calvin saiu como se estivesse saindo de dentro de uma nuvem.

– Bem! Me deem um tempo, pode ser? Eu sou mais velho que vocês.

Meg suspirou. Não que Calvin não estivesse lá antes e depois apareceu. Não que parte dele tenha chegado primeiro e depois o resto, como a mão e depois o braço, um olho e depois o nariz. Era como uma visão opaca, uma visão de Calvin através da água, da fumaça, do fogo. Então, lá estava ele, sólido e reconfortante.

– Meg! – Ouviu-se a voz de Charles Wallace – Meg! Calvin, onde está Meg?

– Estou bem aqui – ela tentou falar, mas a sua voz parecia estar presa na garganta.

– Meg! – Calvin chamou e virou-se furioso.

– Senhora Qual, a senhora não deixou a Meg para trás, deixou? – Charles Wallace gritou.

– Se vocês tiverem machucarado a Meg, qualquer uma de vocês – Calvin começou, mas de repente Meg sentiu um empurrão violento e avassalador como se tivesse sido lançada em uma parede de vidro.

– Ah! *Aí* está você! – Charles Wallace disse, correu até ela e deu um abraço.

– Mas…*onde* eu estou? – Meg perguntou ofegante, aliviada por ouvir que agora sua voz estava saindo de um jeito mais ou menos normal.

Ela olhou a sua volta um pouco descontrolada. Eles estavam em um campo iluminado pelo sol e o ar que os rodeava se movia com uma fragrância deliciosa que só era sentida nos dias raros de primavera em que o toque do sol é gentil e as flores da macieira estão começando a se abrir. Ajeitou os óculos sobre o nariz para se certificar de que o que estava vendo era real.

Eles deixaram o prateado de uma noite penetrante de outono e agora tudo a sua volta era dourado, com luz. A cor das gramas do campo era um terno e novo verde e nelas estavam espalhadas flores minúsculas e multicoloridas. Meg se virou lentamente para olhar uma montanha tão alta, que o seu pico se perdia em um coroa de nuvens brancas e fofas. Das árvores que estavam na base da montanha, veio um repentino canto de pássaros. Era uma atmosfera tão afável de paz e alegria que a rodeava que as fortes batidas de seu coração desaceleraram.

- *Quando estaremos `a mão,*

Com chuva, no raio ou no trovão[1]

Veio a voz da Senhora Quem. De repente, as três estavam lá. Senhora Queisso com a sua estola rosa torta, Senhora Quem com os seus óculos reluzentes e a Senhora Qual ainda era um pouco mais que um feixe de luz. Borboletas delicadas e multicoloridas voavam agitadas ao redor delas, como se agradecessem.

Senhora Queisso e Senhora Quem começaram a dar risadinhas e ficaram rindo até que pareceu que, seja lá qual fosse a piada entre elas, elas cairiam de tanta graça. O feixe de luz parecia estar rindo também. Ele foi ficando um pouco mais escuro e sólido e então apareceu uma figura em um roupão preto e um chapéu de bruxa preto, olhos bem redondos, nariz pontudo e um longo cabelo cinza; uma garra segurava com força um cabo de vassoura.

– Boom, sóó paaraa deeiixáá-laas aaleegrees, meeniinaas – disse a voz estranha e Senhora Queisso e Senhora Quem caíram nos braços uma da outra em um vendaval de gargalhadas.

– Se as Senhoras se divertiram, acho que devem contar a Meg e Calvin um pouco mais sobre isso– Charles Wallace disse friamente. – Vocês quase mataram a Meg de medo, trazendo-a dessa forma, sem nenhum aviso.

- *Fixeunt animi, raro et perpauca laquentis* – Senhora Quem entoou. - Horácio. *Pouco inclinado à ação, menos ainda às palavras.*

– Senhora Quem, eu gostaria que você parasse de fazer citações! – Charles Wallace pareceu muito irritado.

[1] Hamlet – WIliam Shakespeare

Senhora Queisso ajustou sua estola

– Mas ela acha muito difícil verbalizar, querido Charles. Ajuda se ela puder citar em vez de elaborar frases por conta própria.

– Aléém diissso, nóós nãõoo poodeemoos peerdeer noossoo seensoo dee huumoor – disse a Senhora Qual – A úúniicaa maaneeiiraa de eenfreentaar uumaa siituuaaçãoo faataalmeentee séériiaa éé teentaandoo traatá-laa um poouucoo suuaveemeentee.

– Mas isso será difícil para Meg – disse a Senhora Queisso. – Será difícil para ela perceber que somos sérias.

– E para mim? – Perguntou Calvin.

– A vida do seu pai não está em jogo – a Senhora Queisso o respondeu.

– E para o Charles Wallace, então?!

A voz-de-porta-empenada da Senhora Queisso estava calorosa com afeição e orgulho.

– Charles Wallace sabe. Charles Wallace sabe que vai muito além da vida do pai dele. Ele sabe o que está em jogo.

– Mas lembrem-se – disse a Senhora Quem – Αεηπου ουδεν, παντα δ’ εηπιζειν χρεωτ..
Eurípedes. *Nada deve ser sem esperança. Devemos ter esperança em tudo.*

– Onde estamos agora e como chegamos aqui? – Calvin perguntou.

– Uriel, o terceiro planeta da estrela Malak na espiral nebulosa Messier 101.

– E eu devo acreditar nisso? – Calvin perguntou indignado.

– Coomo quiiseer – a Senhora Qual disse friamente.

Por algum motivo, Meg sentiu que a Senhora Qual, apesar de sua aparência e do efêmero cabo de vassoura, era alguém em quem as pessoas podiam confiar completamente.

– Não parece nada mais peculiar que qualquer outra coisa que tenha acontecido.

– Bem, então, alguém pode me dizer como nós chegamos aqui! – Calvin ainda estava com uma voz irritada e as sardas de seu rosto pareciam saltar. – Mesmo viajando à velocidade da luz, nós levaríamos anos para chegar aqui.

– Ah! Nós não viajamos à velocidade de nada – explicou a Senhora Queisso seriamente. – Nós *tesseramos*. Ou, você pode dizer, nós *dobramos*.

– Claro como a lama! – Calvin ironizou.

Tesserar, Meg pensou. Será que isso tem alguma coisa a ver com o tesserato da Mamãe?

Ela estava quase perguntando quando a Senhora Qual começou a falar. E ninguém interrompia quando a Senhora Qual estava falando.

– A a Seenhooraa Queeiissoo é jooveem e iingêenuuaa.

– Ela continua achando que pode explicar as coisas em palavras – disse a Senhora Quem – *Qui plus sait, plus se tait.* Francês, sabe?! *Quanto mais um homem sabe, menos ele fala*.

– Mas ela tem que usar palavras para Meg e Calvin – Charles lembrou à Senhora Quem. – Se vocês trouxeram eles, eles têm o direito de saber o que está acontecendo.

Meg foi em direção à Senhora Qual. Na intensidade de sua pergunta, ela se esqueceu do completamente do *tesserato*.

– Meu pai está aqui?

A Senhora Qual balançou a cabeça, negando.

– Aaquii nããoo, Meeg. Deeiixe a Senhora Queeiissoo expliicaar. Eela é joveen e a liinguageem das paalavraas é maais fáciiil paraa eela do quee para miim e paara a Senhooraa Queem.

– Nós paramos aqui – a Senhora Queisso explicou – mais ou menos para tomar fôlego e dar a vocês a chance de saber contra o que estão lutando.

– Mas e o meu pai? – Meg perguntou. – Ele está bem?

– Por enquanto, sim, querida. Ele é uma das razões pelas quais estamos aqui, mas, veja bem, ele é só uma delas.

– Sim, mas onde ele está? Por favor, me levem até ele.

– Nós não podemos, ainda não – disse Charles. – Você tem de ser paciente, Meg.

– Mas eu não sou paciente! – Meg gritou desesperada. – Eu nunca fui paciente!

Os óculos da Senhora Quem brilharam gentilmente em direção à Meg.

– Se você quer ajudar o seu pai, então você deve aprender a ser paciente. *Vitam impedere vero. Arriscar a vida pela verdade*. É isso que devemos fazer.

– Isso é o que seu pai está fazendo – Senhora Queisso concordou com a cabeça. A voz dela, assim como a da Senhora Quem, estava séria e solene. Então, ela sorriu o seu sorriso radiante. – Agora, crianças, porque vocês três não vão dar uma volta e o Charles explica mais um pouco?! Vocês estão completamente seguros em Uriel, por isso paramos aqui para descansar.

– Mas vocês não vêm com a gente? – Meg perguntou com medo.

Fez-se silêncio por um momento. Então, a Senhora Qual levantou a sua mão autoritariamente.

– Moostree a eeles. – disse para a Senhora Queisso e alguma coisa em sua voz fez Meg sentir pontadas de apreensão.

– Agora? – A Senhora Queisso perguntou e sua voz estridente saiu como um guincho.

Seja lá o que fosse que a Senhora Qual queria que eles vissem, era algo que deixava a Senhora Queisso desconfortável também.

– Aagooraa, – a Senhora Qual disse. – Eelees taambéém deeveem saabeer.

– Eu...eu devo me transformar? – A Senhora Queisso perguntou.

– Éé meelhoor.

– Espero que isso não incomode muito às crianças – a Senhora Queisso murmurou praticamente para si mesma.

– Eu também devo me transformar? – A Senhora Quem perguntou. – Ah, eu tenho me divertido nessas roupas, mas tenho que admitir que a Senhora Queisso é a melhor nisso. *Das Werk lobt den Mesiter*. Alemão. O trabalho revela o artesão. Posso me transformar agora também?

A Senhora Qual balançou a cabeça.

– Aaiinda nãoo. Nãoo aaquii. Voocê deeve eespeeraar.

– Agora, não se assustem, queridos – disse a Senhora Queisso. – Seu corpinho rechonchudo começou a tremeluzir, sacudir, mudar. As cores berrantes de sua roupa ficaram apagadas, embranquecidas. A forma de pudim se estreitou, alongou, fundiu-se. E, de repente, diante das crianças estava uma criatura mais bela do que qualquer outra que Meg jamais imaginara, e a beleza ia muito além da aparência. Por fora, a Senhora Queisso com certeza já não era mais a Senhora Queisso. O seu corpo era branco-mármore de flancos musculosos, algo parecido com um cavalo, mas, ao mesmo tempo, completamente diferente, porque das costas magnificamente talhadas saia um tronco nobremente formado, braços e uma cabeça que lembrava a de um homem, mas um homem com perfeição de dignidade e virtude, uma exaltação de felicidade como Meg jamais vira.

“Não” – ela pensou – “não parece um centauro grego. Em nada”.

Dos ombros, lentamente, um par de asas se revelava; asas feitas de arco-íris, de luz sobre a água, de poesia.

Calvin caiu de joelhos.

– Não – a Senhora Queisso disse, embora a sua voz não fosse a da Senhora Queisso. – Não para mim, Calvin. Nunca para mim. Levante-se.

– Caarreeguee-oos. – A Senhora Qual ordenou.

Com um gesto ao mesmo tempo delicado e forte, a Senhora Queisso se ajoelhou em frente às crianças, esticando suas asas e segurando-as firmemente, mas tremendo.

– Para as minhas costas, já! – Disse a nova voz.

As crianças deram passos hesitantes em direção à bela criatura.

– Como vamos te chamar agora? – Calvin perguntou.

– Ah, meus queridos, – disse a nova voz, uma voz precisosa com a amabilidade de uma flauta, a clareza de um trompete e o mistério de um oboé. – Vocês não podem continuar mudando meu nome toda vez que eu passar por uma metamorfose. Além disso, foi tão prazeroso ser a Senhora Queisso, que eu acho melhor continuar assim.

Ela? Ele? Aquilo? riu para eles e o brilho do sorriso era tão palpável quanto uma brisa suave, tão caloroso quanto os raios do sol.

– Venham – Charles Wallace subiu com dificuldade.

Calvin e Meg foram atrás dele e ela sentou entre os dois garotos. Um tremor veio das grandes asas e, então, a Senhora Queisso decolou e eles estavam se movendo pelo ar.

Meg logo percebeu que não havia necessidade de se segurar em Charles Wallace ou em Calvin. O vôo da criatura magnífica era suave e sereno. Os garotos olhavam ansiosamente para a paisagem ao redor.

– Olhem – Charles Wallace apontou. – As montanhas são tão altas que você não pode ver onde elas acabam.

Meg olhou para cima e realmente as montanhas pareciam ser infinitas.

Eles deixaram os campos férteis e voaram por um grande planalto de rochas, que pareciam granito, modeladas em enormes monólitos. Eles tinham formas rítmicas, definidas, mas não eram estátuas; não pareciam com nada que Meg já tivesse visto antes e ela se perguntava se eles haviam sido modelados pelo vento e pelo clima, pela formação daquela terra ou se eram criações de seres como aquele em que ela estava montada.

Eles deixaram a grande superfície de granito e voaram sobre um jardim ainda mais bonito do que qualquer coisa em um sonho. Nele, estavam muitas criaturas parecidas com a que a Senhora Queisso havia se tornado. Algumas estavam entre as flores, outras nadavam em um rio amplo e cristalino que atravessava o jardim, algumas voavam de um jeito que Meg tinha certeza que era um tipo de dança, entrando e saindo das árvores. Elas faziam música, música que vinha não somente da garganta, mas também do movimento de suas grandes asas.

– O que elas estão cantando? – Meg perguntou, empolgada.

A Senhora Queisso balançou sua bela cabeça.

– Não pode ser traduzido em palavras. Eu não consigo transferir para as palavras. Você está entendo alguma coisa, Charles?

Charles Wallace estava sentado imóvel nas costas da criatura. No seu rosto, havia uma expressão de quem ouvia atentamente, a mesma expressão que tinha quando buscava compreender Meg ou sua mãe.

– Um pouco. Bem pouco, mas acho que posso entender mais com o tempo.

– Sim. Você poderia aprender, Charles, mas não temos tempo. Só podemos ficar aqui o tempo necessário para descansarmos e preparamos algumas coisas.

Meg mal ouvia à Senhora Queisso.

– Eu quero saber o que elas estão falando! Quero saber o que significa.

– Tente, Charles! – A Senhora Queisso insistiu.

– Tente traduzir. Você pode se deixar levar, agora. Não precisa se segurar.

– Mas eu não consigo! – Charles Wallace gritou com uma voz angustiada. – Eu não sei o suficiente! Ainda não!

– Então tente trabalhar comigo e eu vejo se consigo verbalizar um pouco para eles.

Charles Wallace fez a expressão de investigação, de escuta.

“Eu conheço essa expressão.” Meg pensou de repente. Agora eu acho que entendo o que significa! Porque eu tenho essa expressão, algumas vezes, estudando matemática com meu pai, quando estou quase solucionando um problema...

A Senhora Queisso parecia estar ouvindo os pensamentos de Charles.

– Bem, essa é uma ideia. Eu posso tentar. Que pena que você não saiba realmente para me explicar direto, Charles. Desse jeito, eu tenho muito trabalho.

– Não seja preguiçosa – Charles disse.

A Senhora Queisso não ficou ofendida. Ela explicou:

– Ah, esse é o meu tipo de trabalho favorito, Charles. Foi por isso que elas me escolheram para vir, mesmo eu sendo muito mais nova. É o meu verdadeiro talento. Só que isso necessita de muita energia e nós vamos precisar de cada gota de energia para o que nos espera. Mas eu vou tentar. Pela Meg e pelo Calvin, eu vou tentar.

Ela ficou em silêncio; as grandes asas praticamente pararam de se mover; apenas um balanço delicado parecia mantê-los no ar.

– Ouçam, então – disse a Senhora Queisso. A voz ressonante aumentou, as palavras pareciam estar todas em volta deles e Meg sentiu que poderia quase alcançá-las e tocá-las. –*!Cantai ao Senhor um cântico novo e o seu louvor até às extremidades da terra, vós, os que navegais pelo mar e tudo quanto há nele, vós, terras do mar e seus moradores. Alcem a voz o deserto, as suas cidades e as aldeias habitadas por Quedar; exultem os que habitam nas rochas e clamem do cimo dos montes; deem honra ao Senhor e anunciem a sua glória nas terras do mar* [2]

Meg sentiu passar por todo o seu corpo um pulso de alegria como ela jamais sentira. A mão de Calvin a alcançou; ele não juntou sua mão à dela; só moveu os dedos de forma que eles se tocavam levemente. Mesmo assim, a alegria fluiu por eles, entre eles, ao redor deles, para eles e dentro deles.

Quando a Senhora Queisso suspirou, pareceu completamente incompreensível que em meio a tanta felicidade poderia vir o menor sussurro de dúvida.

– Nós devemos ir agora, crianças. – A voz da Senhora Queisso estava profundamente triste e Meg não conseguiu entender. Levantando a cabeça, a Senhora Queisso fez um chamado que parecia um comando e uma das criaturas que estava voando sobre as árvores mais próximas deles levantou a cabeça par ouvir e, então, voou e pegou três flores de uma árvore que estava crescendo perto do rio e as trouxe.

– Cada um de vocês pega uma – disse a Senhora Queisso. – Mais tarde, vou dizer para vocês usarem.

Quando Meg pegou sua flor, ela percebeu que não era um único botão, mas milhares de flores pequenininhas formando algo parecido com um sino oco.

– Onde estamos indo? – Perguntou Calvin.

– Para o alto.

As asas se moviam com rapidez e firmeza. O jardim ficou para trás, a área de granito e as imensas formas também e a Senhora Queisso voava para cima, rapidamente para o alto, bem

[2] Isaías 42:10

alto. Abaixo deles as árvores diminuíram, ficaram esparsas e foram substituídas por mato e depois por uma grama baixa e seca e então a vegetação sumiu completamente e só havia rochas, pontos e picos de rochas, pontudos e perigosos.

– Segurem firme – disse a Senhora Que. – Não escorreguem.

Meg sentiu o braço de Calvin segurar sua cintura em um abraço seguro.

Eles ainda estavam subindo.

Agora eles estavam nas nuvens. Não conseguiam ver nada a não ser uma brancura amontoada e a umidade se condensar nelas e virar gotinhas congeladas. Meg tremia, e Calvin a segurava com força. Na frente dela, Charles Wallace estava sentado quieto. Ele se virou uma vez para lançar para ela um olhar de ternura e preocupação, mas, a cada minuto que passava, Meg sentia que ele estava crescendo cada vez mais e se tornando cada vez menos seu irmãozinho e mais e mais um daqueles seres que a Senhora Queisso, Senhora Quem e Senhora Qual eram de verdade.

Abruptamente, eles saíram das nuvens e entraram em um raio de luz. Abaixo deles ainda havia pedras; acima as montanhas continuavam tocando o céu, mas agora, embora parecessem estar a quilômetros de altura, Meg podia pelo menos ver onde elas acabavam.

A Senhora Queisso continuava a subir, suas asas se esforçaram um pouco. Meg sentiu seu coração acelerar; seu rosto começou a suar frio e ela sentiu seus lábios como se estivessem ficando azuis. Ela começou a perder o ar.

– Tudo bem, crianças, usem suas flores agora – disse a Senhora Queisso. – A atmosfera vai ficar cada vez mais rarefeita daqui pra frente. Segurem as flores em seus rostos, respirem através delas e elas darão oxigênio suficiente para vocês. Não será tanto como vocês estão acostumados, mas será o suficiente.

Meg quase se esqueceu das flores e foi bom perceber que ainda estava segurando-as, que ela não havia as deixado cair de seus dedos. Meg pressionou o rosto dentro dos botões e respirou fundo.

Calvin ainda segurava Meg com um braço, mas ele também segurou as flores em seu rosto.

Charles Wallace moveu a mão com as flores lentamente, quase como se estivesse em um sonho.

As asas da Senhora Queisso lutavam contra a rarefação da atmosfera. O cume estava só um pouquinho acima deles e, depois, eles estavam lá. A Senhora Queisso parou para descansar em uma pequena planície de pedras de um prateado suave. Lá, em frente a eles, estava um grande disco branco.

– É uma das luas de Uriel – a Senhora Queisso falou com sua voz poderosa um pouco ofegante.

– Uau, é linda! – Meg falou. – É linda!

A luz prata da enorme lua passava por eles, misturada ao aspecto dourado do dia, fluindo pelas crianças, pela Senhora Queisso, pelo pico da montanha.

– Agora nós vamos virar – a Senhora Queisso disse e o tom de sua voz deixou Meg assustada outra vez.

Quando eles viraram, porém, Meg não viu nada. Em frente a eles, estava o azul fino e claro do céu; abaixo deles, as rochas saiam do mar de nuvens brancas.

– Agora nós vamos esperar pelo pôr do sol e pelo pôr da lua – a Senhora Queisso disse.

Praticamente ao mesmo em que ela falava a luz pareceu diminuir, começou a escurecer.

– Eu quero ver o pôr da lua – Charles Wallace falou.

– Não, querido. Não virem para trás, nenhum de vocês. Olhem para o escuro. O que eu tenho para mostrar para vocês será mais visível assim. Olhem para frente, bem para frente, o mais distante quanto puderem olhar.

Os olhos de Meg doíam do esforço de olhar e não ver nada. Depois, sobre as nuvens que rodeavam as montanhas, ela pareceu ver uma sombra, um leve sinal de escuridão tão distante que ela mal conseguia ter certeza de que estava realmente vendo.

Chales Wallace falou:

– O que é aquilo?

– Aquela espécie de sombra lá, – Calvin apontou. – O que é? Eu não gosto disso.

– Observem. – A Senhora Queisso ordenou.

Era uma sombra, nada mais que uma sombra. Não era sequer tangível como uma nuvem. Será que aquilo era lançado por alguma coisa? Ou será que era a própria Coisa?

O céu escureceu. O dourado deixou a luz e eles se viram rodeados por azul; um azul que aumentava até que onde antes não havia mais nada além do céu de fim de tarde havia, agora, um leve cintilar de uma estrela, depois de outra e de outra. Agora havia mais estrelas do que Meg jamais vira.

– A atmosfera é tão rarefeita aqui – disse a Senhora Queisso como se respondesse à pergunta de Meg que não foi feita – que não escurece a visão como acontece no seu planeta. Agora vejam. Olhem para frente. – Disse

Meg olhou. A sombra escura ainda estava lá. Ela não havia diminuído ou se dispersado com a chegada da noite. E onde a sombra estava, as estrelas não eram visíveis.

O que poderia ter de tão terrível em uma sombra que ela sabia que nunca tinha visto antes ou nunca veria de novo, que a fazia sentir um frio maior que um calafrio, uma vontade de chorar ou gritar, maior que a possibilidade de conforto?

A mão de Meg que segurava as flores deixou que elas caíssem devagar e parecia que uma faca havia atravessado seus pulmões. Ela tentou respirar, mas não havia ar. A escuridão tomou conta da sua visão e de sua mente, mas quando ela começou a ficar inconsciente, sua cabeça caiu nas flores que ela ainda segurava; ao inalar a fragrância da pureza delas, seu corpo e sua mente reviveram e ela se sentou novamente.

A sombra ainda estava lá, escura e terrível.

Calvin segurou sua mão com força, mas ela não sentiu nem segurança nem tranquilidade em seu toque. Ao seu lado, um tremor passou por Charles Wallace, mas ele estava sentado imóvel.

“Ele não deveria estar vendo isso” – Meg pensou. – “Isso é demais para um menininho como ele, não importa o quanto esse menininho seja diferente e extraordinário.”

Calvin se virou, rejeitando a Coisa sombria que apagava o brilho das estrelas.

– Faça isso ir embora, Senhora Queisso – ele sussurrou. – Faça isso ir embora. É do mal.

Lentamente, aquela criatura foi embora e a sombra foi para trás deles, de modo que eles só viam as estrelas que não estavam mais escondidas, o brilho das estrelas na montanha, o círculo descendente da enorme lua sumindo aos poucos no horizonte. Depois, sem que a Senhora Queisso dissesse ao menos uma palavra, eles estavam indo para baixo, baixo, baixo. Quando chegaram à coroa de nuvens, a Senhora Queisso disse:

– Agora vocês podem respirar sem as flores, minhas crianças.

Fez-se silêncio novamente. Nem sequer uma palavra. Era como se a sombra os tivesse alcançado com o seu poder sombrio e os tocado de uma forma que agora eles eram incapazes de falar. Quando voltaram ao campo florido, banhados pela luz das estrelas e de outra lua crescente, menor e amarela, um pouco da tensão de seus corpos passou e eles puderam perceber que o corpo daquela bela criatura sobre a qual eles estavam também estava tão tenso quanto os deles.

Com um gesto gracioso, ela parou no chão e fechou suas asas. Charles Wallace foi o primeiro a descer.

– Senhora Quem! Senhora Qual! – Ele chamou.– Imediatamente, viu-se um tremeluzir no ar. Os familiares óculos da Senhora Quem brilharam para eles. A Senhora Qual apareceu também, mas, como ela disse para as crianças, era difícil para ela se materializar completamente e, embora já desse para ver uma capa e um chapéu de ponta, Meg podia ver a montanha e as estrelas através deles. Ela desceu das costas da Senhora Queisso e andou, ainda meio instável depois da longa viagem, até a Senhora Qual e disse:

– A coisa sombria que vimos – ela disse. – É contra aquilo que meu pai está lutando?

Capítulo 5 – O Tesserato

– Sim, – disse a Senhora Qual. – Elee estáá atráás daa escuuriidãoo ee nóós nãão conseeguiimoos neem vê-loo.

Meg começou a chorar e a soluçar alto. Em meio às lágrimas, ela pôde ver Charles Wallace lá, tão pequenininho, tão branquinho. Calvin colocou os braços ao redor dela, mas ela tremeu e acabou se afastando, chorando muito. Então, ela foi envolvida pelas grandes asas da Senhora Queisso e sentiu conforto e segurança passando por ela. A Senhora Queisso não estava falando em voz alta, mas mesmo assim, através de suas asas, Meg compreendeu as palavras.

– Minha querida, não se desespere. Você acha que nós teríamos trazido vocês aqui se não houvesse esperança? Nós estamos pedindo que vocês façam uma coisa difícil, mas estamos confiantes de que podem fazê-la. O seu pai precisa de ajuda, de coragem e, pelos filhos dele, ele seria capaz de fazer coisas que não faria nem por ele mesmo.

– Aagooraa, – disse a Senhora Qual – eestaamoos proontoos?

– Onde estamos indo? – Calvin perguntou.

Mais uma vez, Meg sentiu um verdadeiro formigamento de medo enquanto a Senhora Qual falava.

– Nóós deeveemoos iir atráás daa escuuridãoo.

– Mas nós não vamos fazer tudo de uma vez, – a Senhora Queisso os confortou. – Nós vamos fazer em etapas curtas – ela olhou para Meg. – Agora nós vamos tesserar, vamos nos dobrar novamente. Vocês entendem?

Não – Meg falou imediatamente.

A Senhora Queisso suspirou.

– Explicações não são fáceis quando elas são sobre coisas para as quais a sua civilização ainda não tem palavras. Calvin falou algo sobre viajar à velocidade da luz. Você entende isso, pequena Meg?

– Sim – Meg afirmou com a cabeça.

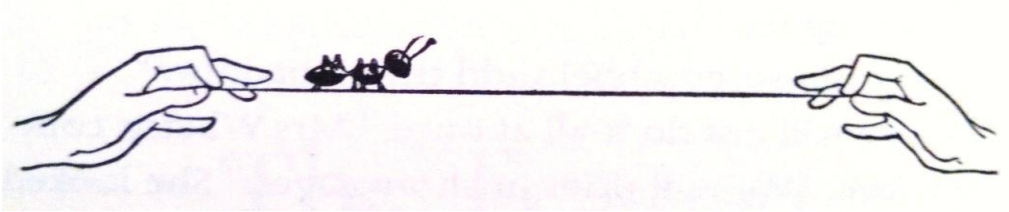
– Esse, obviamente, é o caminho menos prático, mais longo. Nós aprendemos a fazer os caminhos mais curtos sempre que possível.

– Como na matemática? – Meg perguntou.

– Como na matemática – a Senhora Queisso olhou para a Senhora Quem. – Pegue sua saia e mostre para eles.

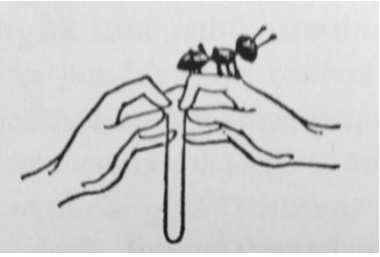
– *La experiencia es la madre de la ciencia*. Espanhol, queridos. Cervantes. *A experiência é a mãe da ciência*. – A Senhora Quem segurou uma parte de sua saia com as mãos e a esticou.

– Vejam só – disse a Senhora Queisso. – Se um inseto bem pequeno tivesse que caminhar em linha reta da mão direita da Senhora Quem até a mão esquerda , ele teria que percorrer um caminho longo.



Rapidamente, a Senhora Quem uniu as duas mãos, ainda segurando a saia.

– Agora, vejam – disse a Senhora Queisso. – Ele chegaria ao mesmo destino sem fazer uma viagem longa. É assim que nós viajamos.



Charles Wallace aceitou a explicação serenamente. Até Calvin não pareceu perturbado.

– Ai, meu Deus! Eu acho que sou uma burra. Eu simplesmente não entendi.

– É porque você pensa no espaço só com três dimensões – Senhora Queisso explicou. – Nós viajamos na quinta dimensão. É uma coisa que você consegue entender, Meg. Não tenha medo de tentar. Sua mãe conseguiu te explicar o tesserato?

– Bem, ela nunca explicou – Meg falou. – Ela ficava tão triste com isso. Por que, Senhora Queisso? Ela disse que isso tinha alguma coisa a ver com ela e com o papai.

– Era um conceito com o qual eles estavam trabalhando – disse a Senhora Queisso. – Ir além da quarta dimensão para a quinta. Sua mãe explicou para você, Charles Wallace?

– Bem, ela explicou – Charles Wallace pareceu um pouco constrangido. – Por favor, não fique ofendida, Meg. É porque eu ficava perguntado enquanto você estava na escola até que eu consegui tirar uma explicação dela.

Meg suspirou.

– Só quero que me explique.

– Tudo bem – disse Charles. – O que é a primeira dimensão?

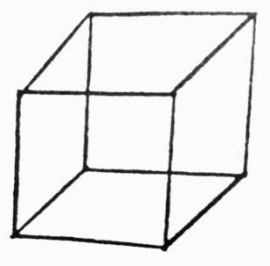
– Bem… uma linha: ----------

– Isso. E a segunda?

– Bem, você deve elevar a linha ao quadrado. Um quadrado plano estaria na segunda dimensão.

– E a terceira?

– Bem, você deve elevar a segunda dimensão ao quadrado. Aí, o quadrado não seria mais plano. Ele teria fundo, lados e uma parte de cima.



– E a quarta?

– Bom, em termos matemáticos, acho que você deve elevar o quadrado ao quadrado. Só que você não pode pegar um lápis e desenhar como fez com as outras três. Eu sei que tem alguma coisa a ver com Einstein e o tempo. Acho que talvez você possa chamar a quarta dimensão de Tempo.

– Isso mesmo – Charles disse. – Boa menina. Tudo bem, então, para a quinta dimensão você elevaria a quarta ao quadrado, não é?

– Acho que sim.

– Bom, a quinta dimensão é o tesserato. Você junta isso às outras quatro dimensões e pode viajar pelo espaço sem ter que fazer o caminho longo. Em outras palavras, utilizando a geometria euclidiana, ou geometria ultrapassada, uma linha reta não é a menor distância entre dois pontos.

Por um segundo breve e esclarecedor, o rosto de Meg estava com a expressão atenta e curiosa de Charles.

– Entendi! – Ela gritou. – Entendi. Por um momento eu entendi. Provavelmente, agora eu não consiga explicar, mas por um segundo eu vi – ela virou empolgada para Calvin. – Você entendeu?

Ele afirmou com a cabeça.

– O suficiente. Não consigo entender tudo como o Charles Wallace, mas sei o suficiente para pegar a ideia.

– Eentããoo, aagooraa nóós vaamoos, – disse a Senhora Qual. – Nããoo teemoos toodoo oo teemoo doo muundoo.

– Podemos dar as mãos? – Meg perguntou.

Calvin pegou a mão dela e segurou com força.

– Vocês podem tentar, – disse a Senhora Queisso – embora eu não saiba exatamente como isso vai funcionar. Vejam, apesar de viajarmos juntos, viajamos sozinhos. Nós vamos primeiro e levaremos vocês depois na corrente. Assim pode ser mais fácil pra vocês. – Enquanto ela falava, seu grande corpo branco começou a se sacudir, as asas se dissolveram em névoa. A Senhora Quem pareceu evaporar, só ficaram os óculos e depois eles também desapareceram. Isso fez Meg se lembrar do gato de Cheschire.

“Eu já vi muito rosto sem óculos,” – “mas óculos sem rosto…! Será que eu também vou assim? Primeiro eu e depois meus óculos.”

Ela olhou para Senhora Qual. Ela estava lá e logo depois não estava mais.

Houve uma forte rajada de vento, um forte empurrão e um estilhaçamento enquanto ela era empurrada para… o que? Fez-se silêncio, escuridão, nada. Se Calvin ainda estava segurando a mão dela, ela não podia sentir. Só que dessa vez ela estava preparada para que seu corpo se dissolvesse rápida e completamente. Quando ela sentiu o formigamento de novo nas pontas dos dedos, percebeu que a viagem estava quase acabando e pôde sentir a pressão da mão de Calvin sobre a dela outra vez.

De repente, como um choque completo e inesperado, ela sentiu uma pressão que nunca imaginara, como se estivesse sendo completamente achatada por um enorme rolo compressor. Isso foi bem pior do que o nada. Quando ela não era nada, não havia ar para respirar, mas agora seus pulmões estavam comprimidos então, mesmo que ela estivesse morrendo de vontade de respirar, não havia espaço para seus pulmões se expandirem e se contraírem, para buscar o ar que ela precisava para continuar viva. Isso era completamente diferente de quando a atmosfera estava ficando no momento em que eles estavam subindo as montanhas e ela teve que colocar as flores no rosto para poder respirar. Tentou puxar o ar, mas uma boneca de papel não pode respirar. Pensou que estava tentando pensar, mas sua mente achatada não conseguia funcionar assim como os seus pulmões; os pensamentos dela também estavam esmagados como todo o resto do corpo. O coração dela tentou bater; fez um movimento pontiagudo, lateral, mas mesmo assim não conseguiu expandir-se.

Depois, ela pareceu ouvir uma voz, e se não era uma voz eram, pelo menos, palavras; palavras achatadas como as impressas em um papel.

– Ah, não! Nós não podemos parar aqui. Esse planeta é bidimensional e as crianças não têm como viver aqui.

Ela ouviu um zumbido e foi para o nada novamente e o nada era maravilhoso. Ela não se importava porque não podia sentir a mão de Calvin, porque não podia ver. Ouvir ou ser. O alívio daquela pressão insuportável era tudo o que ela precisava.

Então, o formigamento começou a voltar aos seus dedos das mãos e dos pés, ela podia sentir o Calvin apertando sua mão com força. O coração dela estava batendo normalmente, o sangue correndo pelas veias. O que quer que fosse o que tinha acontecido, o erro que tinha sido cometido, agora já tinha acabado.

– *Sério*, Senhora Qual, você poderia ter matado a gente!

Dessa vez ela foi empurrada para fora da assustadora quinta dimensão com um arremesso inesperado e imediato. Lá estava ela, completa novamente, com Calvin ao seu lado segurando sua mão para garantir a vida deles e Charles Wallace na frente dela, parecendo indignado. Senhora Queisso, Senhora Quem e Senhora Qual ainda não estavam visíveis, mas Meg sabia que elas estavam lá; a presença delas era forte para ela.

– Criiaançaas, peeçoo deescuulpaas – disse a voz da Senhora Qual.

– Ora, Charles, fique calmo, – disse a Senhora Que, aparecendo não mais como a grande e bela criatura da última vez, mas na bagunça familiar de seus trajes de xales e cachecóis, o casaco velho de um mendigo e um chapéu. – Você sabe como é difícil para ela se materializar. Se você mesmo não é substancial, é muito difícil perceber o quanto o protoplasma é limitante.

– Eeuu siintoo muuiitoo – disse a voz da Senhora Qual de novo, mas nela havia mais que uma pitada de diversão.

– *Não* é engraçado. – Charles Wallace bateu o pé como uma criança birrenta.

Os óculos da Senhora Quem apareceram e em seguida foi aparecendo o resto dela lentamente.

– *We are such stuffs as dreams are made on. Somos feitos da mesma matéria dos sonhos* – ela abriu um grande sorriso. – Próspero. A tempestade. Eu realmente gosto dessa peça.

– Você não fez de propósito? – Charles exigiu uma resposta.

– Ah, meu querido, claro que não, – disse a Senhora Queisso rapidamente. – Foi apenas um erro muito compreensível. É muito difícil para Senhora Qual pensar de maneira corporal. Ela não machucaria vocês intencionalmente, você sabe disso. E, na verdade, é um planeta pequeno, mas bem agradável e bastante divertido para se ser plano. Nós sempre aproveitamos nossas visitas a ele.

– Onde estamos agora, então? – Charles Wallace perguntou. – E por quê?

– No cinturão de Órion. Nós temos uma amiga aqui e queremos que vocês dêem uma olhada no seu próprio planeta.

– Quando vamos voltar para casa? – Meg perguntou ansiosamente. – E a mamãe? E os gêmeos? Quando nós não chegarmos na hora de dormir… bem, a essa altura a mamãe já deve estar agoniada. Ela, os gêmeos e Fort ficarão procurando por nós e nós, é claro, não estamos lá para sermos encontrados.

– Ora, não se preocupe, meu bem – disse a Senhora Queisso alegremente. – Nós tomamos conta disso ante de sair. Sua mãe tem tido preocupações suficientes para dar conta de você e de Charles Wallace, além do fato de não saber sobre o seu pai; ela não precisa das nossas ansiedades adicionais. Nós fizemos um dobra do no tempo assim como um dobra no espaço. É bem fácil de fazer se você souber como.

– Como assim? – Meg perguntou se lamentando. – Por favor, Senhora Queisso, é tudo tão confuso.

– Relaxe e não se preocupe com coisas que não precisam te incomodar – disse a Senhora Queisso. – Nós fizemos uma pequena “dobra” boa e com muito cuidado. E, a menos que alguma coisa saia terrivelmente errada, vocês voltaram mais ou menos cinco minutos antes do horário que saíram. Então, haverá tempo de sobra e ninguém precisará ficar sabendo onde vocês estiveram, a não ser, é claro, que vocês contem pra sua mãe, que é um cordeirinho. E se tudo der errado, não importará nada se nunca voltarmos.

– Nãão oos assuuste – disse a voz da Senhora Qual. – Voocê estáá peerdendo aa FEE?

– Ah, não. Eu não.

Só que Meg achou que a voz dela soou um pouco fraca.

– Eu espero que esse planeta seja legal – Calvin disse. – Nós não podemos ver muito dele. Ele fica claro em algum momento?

Meg olhou ao seu redor, notando que ela estava tão sem fôlego por causa da viagem e da parada no planeta bidimensional que nem tinha reparado no ambiente a sua volta. Talvez isso não fosse muito surpreendente, principalmente porque o ambiente a sua volta era imperceptível. Eles pareciam estar em algum tipo de superfície plana indescritível. O ar em volta deles era cinza. Não era exatamente fumaça, mas ela não conseguia ver nada através daquilo. A visibilidade se limitava aos corpos bem definidos de Charles Wallace e Calvin, aos corpos quase inacreditáveis das Senhoras Queisso e Quem e a um brilho leve e esporádico que era a Senhora Qual.

– Venham crianças – disse a Senhora Queisso. – Nós não vamos muito longe, e também precisamos andar. Será bom se vocês esticarem um pouco as pernas.

Enquanto eles se moviam pelo ar cinzento, Meg teve um raro vislumbre de rochas que pareciam lavas petrificadas, mas não havia traços de árvores ou arbustos, nada além de grama sob os pés deles, nenhum sinal de qualquer vegetação.

Finalmente, mais a frente elevava-se o que parecia ser um monte de pedra. Quando eles se aproximaram, Meg pode ver uma entrada que dava em uma grande e profunda caverna.

– Nós vamos entrar aqui? – Ela perguntou nervosa.

– Não tenha medo – disse a Senhora Queisso. – É mais fácil para a Médium Feliz trabalhar aí dentro. Ah, vocês vão gostar dela, crianças. Ela é muito alegre. Se eu alguma vez a visse triste, eu também ficaria muito deprimida. Enquanto ela puder rir, eu tenho certeza de que tudo vai dar certo no final.

– Senhoora Queeiisso – veio a voz da Senhora Qual severamente. – Sóó poorquuee aa Seenhooraa éé muuiitoo jooveem, nãoo éé deescuulpaa paaraa faalaar deemaaiis.

A Senhora Queisso pareceu ofendida, mas abaixou a cabeça.

– Quantos anos você tem? – Calvin perguntou a ela.

– Só um momento, – a Senhora Queisso murmurou e parecia calcular rapidamente nos dedos. Ela balançou a cabeça triumfante. – Exatamente 2,379,152,497 anos, 8 meses e 3 dias. Isso de acordo com o calendário de vocês, é claro, que, vocês sabem, não é muito preciso.

Ela se inclinou para para Meg e Calvin e murmurou:

– Foi realmente um honra muito grande, para mim, ter sido escolhida para essa missão. É só porque eu verbalizo e me materializo muito bem, sabe; mas é claro que nós não podemos tirar qualquer crédito dos nossos talentos. É a forma como os usamos que conta. E eu ainda cometo muitos erros, por isso eu a Senhora Quem nos divertimos quando a Senhora Queisso errou e tentou aterrissá-los em um planeta bidimensional. Era *disso* que a gente estava rindo, não de vocês. Ela mesma estava rindo dela, sabe. Ela é incrivelmente legal com a gente, os mais novos.

Meg ouvia com tanto interesse o que a Senhora Queisso estava falando que mal percebeu quando eles entraram na caverna; a transição do cinza lá de fora para a cinza de dentro era quase imperceptível. Ela viu uma luz tremulante em frente a eles, para frente e para baixo, e foi em direção à ela que eles foram. Quando eles se aproximaram, ela percebeu que era fogo.

– Aqui fica muito frio, – disse a Senhora Queisso – então pedimos para ela acender uma boa fogueira para a gente.

Quando se aproximaram do fogo, eles puderam ver uma sombra escura contra ele, quando chegaram ainda mais perto, viram que a sombra era uma mulher. Ela vestia um belo turbante de seda lilás, e um vestido de cetim roxo, longo e harmonioso. Em suas mãos estava uma bola de cristal para a qual ela olhava rapidamente. Ela pareceu não ver as crianças, a Senhora Queisso, Senhora Quem e Senhora Qual, e continuou olhando fixamente para a bola de cristal. Enquanto olhava começou a rir; riu e riu de seja lá o que fosse que estava vendo.

A voz da Senhora Queisso soou clara e forte, ecoando nas paredes da caverna e as palavras caíram com um ruído sonoro.

– NÓÓS EESTAAMOOS AAQUUII.

A mulher olhou para cima da bola e quando ela os viu, levantou e as reverenciou. Senhora Queisso e Senhora Quem fizeram pequenas reverências de volta, e a luz parecia diminuir aos poucos.

– Ah, Médium, Querida, – disse a Sra. Queisso – essas são as crianças. Charles Wallace Murry. – Charles de curvou. – Margaret Murry. – Meg sentiu que, se a Senhora Queisso e a Senhora Quem tinham feito reverência, ela também deveria fazer, então fez, um pouco

desajeitada. – E Calvin O'Keefe. – Calvin balançou a cabeça. – Nós queremos que eles vejam o planeta deles – disse a Senhora Queisso.

A Médium perdeu o sorriso encantado que estava estampando até agora.

– Ah, por que vocês me fazem olhar para coisas tão desagradáveis quando há tantas agradáveis para ver?

Mais uma vez a voz da Senhora Queisso ecoou pela caverna.

– Nãão haaverá taantas cooiisas aagraadááveis paara veer see aas peessooas reespoonsááveis nãão fiizereem naada coom reelaçãoo ààs deesagraadááveis.

A Médium suspirou e levantou a bola.

– Olhem crianças, – disse a Senhora Queisso. – Olhem bem para a bola.

– *Que La terre est petite à qui voit dês cieux*! Delille. *Como a terra é pequena para aquele que a olha do céu.* – A Senhora Quem entoou musicalmente.

Meg olhou para a bola de cristal; no início, com cautela; depois, com ansiedade crescente, porque parecia ver uma enorme área de espaço vazio e escuro, e galáxias girando ao redor dessa área. Por fim, elas pareciam se mover mais perto de uma das galáxias.

– É a via láctea de vocês – a Senhora Queisso sussurrou para Meg.

Eles foram direcionados para o centro da galáxia, depois se moveram para um dos lados, as estrelas pareciam correr atrás deles. Meg colocou o braço no rosto como se fosse para proteger do vento.

– Oollha! – Ordenou a Senhora Quem.

Meg deixou o braço cair. Eles pareciam estar se movendo em direção a um planeta. Ela pensou que poderia sair das calotas polares. Tudo parecia claro e brilhante.

– Não, não, Médium, querida. Esse é Marte. – A Senhora Queisso reprovou gentilmente.

– Eu *tenho* que mostrar? – A Médium perguntou.

– AAGOORAA – ordenou a Senhora Qual.

O planeta brilhante saiu da visão deles. Por um momento, viu-se a escuridão do espaço. Os contornos desse planeta não eram limpos e claros. Ele parecia estar coberto por uma névoa de fumaça. Através da névoa Meg pensou que conseguia reconhecer alguns contornos familiares de continentes como em seu livro de estudos sociais.

– É por causa da nossa atmosfera que a gente não consegue ver direito? – Meg perguntou ansiosamente.

– Nãão, Meg. Voocêê saabee quee nãão éé poor caausaa daa aatmoosfeeraa, – a Senhora Qual disse. – Voocêê deevee seer vaaleentee.

– É a Coisa! – Charles gritou. – É a Coisa Sombria que nós vimos no pico da montanha em Uriel quando estávamos montados nas costas da Senhora Queisso.

– Ela chegou? – Meg perguntou agoniada, sem conseguir tirar os olhos do mal da sombra que escurecia a beleza da terra. – Ela chegou enquanto nós estamos aqui?

A voz da Senhora Qual parecia muito cansada.

– Diga a ela – disse para a Senhora Queisso.

A Senhora Queisso suspirou.

– Não Meg. Não acabou de chegar. Está lá por alguns bons anos. É por isso que seu planeta é tão perturbado.

– Mas por que… – Calvin começou a perguntar com a voz rouca falhando.

A Senhora Queisso levantou a mão para que ele fizesse silêncio.

– Nós mostramos a Coisa Sombria para vocês em Uriel, primeiro… ah, por muitas razões. Primeiro, porque a atmosfera nos picos das montanhas é tão clara e rarefeita que vocês poderiam vê-la como ela é. Além disso, nós achamos que seria mais fácil para vocês entenderem se vissem… bem, primeiro em outro lugar e não na sua própria terra.

– Eu odeio isso! – Charles Wallace gritou com força. – Eu odeio a Coisa Sombria!

A Senhora Queisso balançou a cabeça concordando.

– É, Charles, querido. Nós todos odiamos. Essa é outra razão pela qual quisemos prepará-los e Uriel. Achamos que seria muito assustador para vocês verem pela primeira vez com o seu próprio e amado mundo.

– Mas o que é isso? – Calvin perguntou? – Nós sabemos que é do mal, mas o que é?

– Voocêê diissee! – A voz da Senhora Qual ressoou. – Éé doo maal. Sãõoo aas Foorçaas daas Treevaas.

– E o que vai acontecer? – A voz de Meg tremeu. – Ai, por favor, Senhora Qual, fale o que vai acontecer!

– Nóós vaamoos coontiinuuaar luutaandoo.

Alguma coisa na voz da Senhora Qual fez as três crianças ficarem retas, jogando os ombros para trás com determinação, olhando para o feixe de luz que era a Senhora Qual com orgulho e confiança.

– E nós não estamos sozinhos, vocês sabem, crianças. – Veio a voz da Senhora Queisso, a consoladora. – Por todo o universo há luta, por todo o cosmos e, meu Deus, é uma batalha grandiosa e emocionante. Eu sei que é difícil para vocês entenderem a questão do tamanho. Como é pequena a diferença entre o menor micróbio e a maior galáxia. Vocês pensam sobre isso e, talvez, não seja estranho para vocês que alguns de nossos maiores guerreiros vieram justamente do planeta de vocês. E é um pequeno planeta, queridos, está na lista das pequenas galáxias. Vocês podem se orgulhar que tenham se saído tão bem.

– Quem foram os nossos guerreiros? – Calvin perguntou.

– Vocês devem saber, queridos – disse a Senhora Queisso.

Os óculos da Senhora Quem brilharam para eles triunfantemente.

– *E a luz brilhou nas trevas e as trevas não a compreenderam.*[3]

– Jesus! – Disse Charles Wallace. – É claro, Jesus!

– Claro! – disse a Senhora Queisso. – Continue, Charles, amor. Houve outros. Todos os seus grandes artistas. Eles foram luzes pelas quais nós pudemos ver.

---

[3] Jo ã o 1:5

– Leonardo da Vinci? – Calvin sugeriu timidamente. – E Michelangelo?

– E Shakespeare, – Charles Wallace gritou – e Bach! E Pasteur e Madame Curie e Einstein!

Agora a voz de Calvin saiu com confiança.

– E Schweitzer e Gandhi e Buddha e Beethoven e Rembrant e São Francisco!

– Agora você, Meg – a Senhora Queisso ordenou.

– Ah, Euclides, eu suponho – Meg estava tão agoniada e impaciente que sua voz saiu irritada. – E Copernicus. Mas e meu pai? Por favor, e meu pai?

– Nóós vaamoos aatéé seeuu paai, – disse a Senhora Qual.

– Mas onde ele está? – Meg foi até a Senhora Qual e bateu o pé como se fosse tão pequena quanto Charles Wallace.

A Senhora Queisso respondeu com uma voz baixa, mas bem firme.

– Em um planeta que se entregou. Então, vocês devem se preparar para serem muito fortes.

Todos os traços de alegria desapareceram do rosto da Médium Feliz. Ela sentou segurando a grande bola, olhando para baixo para terra escurecida, e uma lágrima escorreu lentamente pela sua bochecha.

– Eu não posso mais suportar isso, – ela suspirou. – Olhem agora, crianças. Olhem

RELATÓRIO

A tradução sempre busca estratégias diversas para que o resultado final seja um texto fluente como um produzido na própria língua de chegada (nesse caso, o português). Durante o processo tradutório de *A Wrinkle in time*, foram utilizados diversos procedimentos que serão explicados e exemplificados a seguir.

4.1. Procedimentos técnicos

Segundo o modelo de Vinay e Dalbernet (1977:46-55) os procedimentos técnicos da tradução podem ser classificados em duas categorias – tradução direta (empréstimo, decalque e tradução literal) e tradução oblíqua (transposição, modulação, equivalência e adaptação).

Seguindo essa definição, em muitos momentos, a tradução oblíqua foi a melhor opção porque a direta não permitiria a leitura fluente do texto em português ou poderia causar alterações no significado.

A **transposição** consiste fazer uma alteração na classe gramatical dos significantes sem que o conteúdo sofra alterações.

Na **modulação**, muda-se o foco expresso na mensagem para que ela se adapte melhor no novo contexto no qual será inserida.

A **equivalência** é uma estratégia que deve ser usada quando as duas línguas envolvidas abordam a mesma situação de formas diferentes, ou seja, por meio estilísticos e textuais variados.

A **adaptação** é o último procedimento da tradução oblíqua e é utilizada quando a situação à qual a mensagem se refere não existe no universo cultural dos falantes da língua-alvo e, por isso, necessita ser recriada.

- Nos casos a seguir serão apresentados exemplos de transposição. Esse procedimento foi utilizado, porque caso fosse feita a tradução direta, com a definição de Vinay e Dalbernet, a frase em português ficaria com uma linguagem mais rebuscada do que a ideal para o público-alvo, jovens entre 12 e 14 anos. As traduções propostas não visaram tornar a leitura mais fácil, mas sim agradável.

a)

ORIGINAL	TRADUÇÃO
In the forest **evening was already beginning to fall,** and they walked in silence.	Na floresta**, já estava anoitecendo** e eles andavam em silêncio.

Nesse caso, houve da transposição do substantivo *evening* para o verbo anoitecer, no português.

b)

The shadows of the trees were long as twisted and there was a heavy sweet**, autumnal smell** to the air.	As sombras das árvores eram longas e retorcidas e havia um forte e doce **cheiro de outono** no ar.

Aqui, optou-se por “cheiro de outono” em vez de “cheiro outonal” com o objetivo de tornar a leitura, em português, mais próxima da linguagem do público-alvo, considerando que o adjetivo “outonal” não é usado frequentemente nem na escrita nem na linguagem oral.

c)

Calvin held her hand **strongly i**n his, but she felt neither strength nor **reassurance** in his touch. Beside her a tremor went through Charles Wallace, but he sat very still.	Calvin segurou sua mão **com força,** mas ela não sentiu nem força nem **segurança** em seu toque. Ao seu lado, um tremor passou por Charles Wallace, mas ele estava sentado imóvel.

O exemplo ‘c’ mostra um aspecto recorrente no texto: a substituição de advérbios por locuções para evitar a repetição do sufixo “mente” que seria o que aconteceria no português, já que muitos advérbios apresentam essa terminação.

d)

What could there be about a shadow that was so terrible that she knew that there had never been before or ever would be again, **anything that would chill her with a fear that was beyond shuddering, beyond crying or beyond screaming, beyond the possibility or comfort?**	O que poderia ter sobre uma sombra tão terrível que ela sabia que nunca tinha visto antes ou nunca veria de novo e **que a fazia sentir um frio maior que um calafrio, que vontade de chorar ou gritar, maior que a possibilidade de conforto?**

No exemplo anterior (a), a transposição se deu através da transformação dos substantivos “shuddering, crying e screaming” em verbos .

- Nos próximos exemplos o processo tradutório utilizado, ainda segundo a definição de Vinay e Dalbernet , foi a modulação.

a) No próximo exemplo, optou-se por dizer “Calvin ia ficar para o jantar” e não por “Eles teriam Calvin para o jantar”, por exemplo, porque a segunda opção pode produzir uma dupla interpretação na língua portuguesa podendo, assim, passar uma mensagem confusa ao leitor.

Meg was pleased and a little surprised when the twins were excited **at having Calvin for supper**. They knew more about his athletic record and were far more impressed by it than she.	Meg ficou satisfeita e um pouco surpresa quando os gêmeos se alegraram porque Calvin **ia ficar para o jantar.** Eles sabiam mais sobre seu recorde atlético e ficaram bem mais impressionados do que ela.

- O procedimento a seguir pode ser classificado como *explicitação* definida por Vázquez-Ayora (cf. 1977:334-335) como um recurso utilizado para deixar algo claro para o leitor. Embora o elemento acrescentado não seja cultural, ele é importante para complementar o sentido da frase. No caso, foi necessário acrescentar a palavra 'corrida'.

a)

Charles and Fortinbras gambled on ahead.	Charles e Fortinbras iam apostando corrida na frente.

4.2. Pontuação

A obra apresenta muitos diálogos e esse foi, sem dúvida, um aspecto bastante trabalhado durante o processo tradutório. Isso porque a própria estrutura de diálogos é diferente no português e no inglês e, além disso, houve a questão da linguagem que seria utilizada na construção dele. Priorizou-se a linguagem falada, embora não necessariamente coloquial porque as crianças, por exemplo, ainda que fossem jovens são consideradas muito inteligentes para sua idade. Assim sendo, algumas vezes, uma linguagem um pouco mais formal não ficaria fora do contexto.

A questão da pontuação, por exemplo, sempre precisou ser observada, porque as aspas e o travessão possuem usos variados em ambas as línguas. No português, as aspas são utilizadas para indicar o pensamento do personagem ou referência ao pensamento de um terceiro e o travessão, na maioria das vezes, indica o início de uma fala.

"Oh, my dears," came the new voice, a rich voice with the warmth of a woodwind, the clarity of a trompet, the mystery of an English horn.	**- Ah, meus queridos,–** disse a nova voz, uma voz rica com a amabilidade de uma flauta, a clareza de um trompete e o mistério do oboé

This has been the most impossible, the most confusing afternoon of my life, she thought.	**“**Essa foi a tarde mais impossível, mais confusa da minha vida**”,** pensava ela.
“Try to translate. You can let yourself go, now. You don’t have to hold back**.”**	- Tente traduzir. Você pode se deixar levar, ora. Não precisa se segurar.

A pontuação é de fato um aspecto importante a ser observado na tradução não só pela diferença funcional que há de acordo com a língua. Segundo Paulo Rónai, assim como a fala possui recursos que auxiliam no momento da transmissão da mensagem, como os gestos, por exemplo, “a língua escrita também possui recursos acessórios além das palavras. São, em primeiro lugar os sinais de pontuação.”

No primeiro exemplo, houve a substituição do travessão, que indica uma pausa, pelas reticências que são usadas no português para estabelecer a mesma função. Já no segundo, fez-se uma alteração na estrutura da frase para dar ênfase à exclamação da personagem, pois em inglês a própria expressão já carrega esse tom exclamativo.

“Maybe that’s why our visitor last night didn’t surprised me. Maybe that’s why I’m able to have a – a willing suspension of disbelief. Because of Charles Wallace.”	- Talvez seja por isso que a nossa visita de ontem a noite não tenha me surpreendido. Talvez seja por isso que eu consiga ter uma**…** uma suspensão voluntária da descrença. Por causa do Charles Wallace.
“Are you like Charles?” Meg asked. “**I? Heavens no**. I’m blessed with more brains and opportunities that many people, but…”	- Você é como o Charles? - **Eu? Céus! Não**. Eu sou abençoada com mais inteligência e oportunidade do que muitas pessoas, mas…

A tradução da linguagem falada também pode ser observada por meio da personagem Senhora Quem. Ela tem dificuldade em se expressar por meio de palavras e, no texto original, isso foi representado com a duplicação das consoantes de todas as palavras. Em português, optou-se por duplicar as vogais porque o efeito seria melhor, já que, como em português muitas palavras apresentam consoantes duplicadas, isso poderia confundir o leitor.

"Alll rrightt, girrllss. Thiss iss nno ttime for bbickerring."	- Tuudoo beem, meniinaas. Essee nãõoo éé o moomentoo paara brigaas.

4.3. Intertextualidade

Ao longo de toda a obra há citações e referências diversas: ditados populares, frases de pessoas e personagens famosos e renomados e trechos da bíblia. No texto original, sempre que a frase não tem sua primeira versão em língua inglesa, a personagem fala na língua original (alemão, por exemplo) e, depois, cita em inglês.

Na tradução, o mesmo acontece. Primeiramente, lê-se a frase em sua língua fonte e depois em português. Entretanto, em alguns casos específicos foi preferível recorrer a traduções já existentes no português, como nos casos das citações de peças de Shakespeare.

When shall we three meet again, In thunder, lightning, or in rain."	*Quando estaremos `a mão* *Com chuva, no raio ou no trovão?*
"We are such stuffs as dreams are made on." She smiled broadly. "Prospero in The Tempest. I do like that play"	*- Nós somos feitos da mesma matéria dos sonhos – ela abriu um grande sorriso*. – Próspero em "A tempestade". Eu realmente gosto dessa peça.

Muitas vezes a própria personagem faz a citação e, dentro da fala, cita a fonte. No primeiro exemplo acima, entretanto, isso não acontece. Então, na tradução optou-se por colocar uma nota de rodapé mencionando que o trecho foi retirado da peça Hamlet, de Shakespeare. Nos outros casos, todavia, esse tipo de observação não foi necessário.

"Should I change, too?" Mrs Who asked. "Oh, but I've had fun in these clothes. But I'll have to admit Mrs Whatsit is the best at it. ***Das Werk lobt den Meister.*** **German.** ***The work proves the craftsman.*** Shall I transform now, too?	- Eu também devo me transformar? – A Senhora Quem perguntou. – Ah, mas eu tenho me divertido nessas roupas, mas tenho que admitir que a Senhora Queisso é melhor nisso. ***Das Werk lobt den Mesiter.*** **Alemão.** ***O trabalho revela o artesão***. Posso me transformar agora também?
"Come t'è picciol fallo amaro morso! Dante. What a grievous pain a little fault doth give thee!"	*Come t'è picciol fallo amaro morso!* Dante. Que dor terrível uma pequena falha pode causar.
- *Un asno viejo sabe más que un potro*. A. Perez. An old ass Knows more than a Young colt.	- *Un asno viejo sabe más que un potro*. A. Perez. Um burro velho sabe mais que um cavalo novo.

Nos casos de trechos da bíblia, também foi utilizada a tradução já existente da bíblia, mas optou-se por fazer referência aos capítulos e aos versículos de onde foram retirados por meio de notas de rodapé. A relação com a religião engloba também a questão cultural e o procedimento adotado não deixa de ser uma forma de explicitação.

Nos EUA, as pessoas têm um contato maior e mais frequente com a bíblia, elas a lêem mais. No Brasil, embora muitos saibam bastante sobre o livro sagrado, as crianças, por exemplo, poderiam não reconhecer imediatamente o trecho bíblico. Além disso, a marcação gráfica (itálico) também foi mantida.

Mrs. Who spectacles shone out at them triumphantly, "And the light shineth in darkness; and the darkness comprehended it not."	*Os óculos da senhora Quem brilharam sobre as crianças triunfanetemente.* *- E a luz resplandece na selva, e as trevas não a compreenderam*. (João 1:5).
Sing unto the Lord a new song, and his praise from the end of the earth, ye that go down to the sea, and all that is therein; the isles, and the inhabitants thereof. Let the wilderness and the cities thereof lift up their voice, let the inhabitants of the rock sing, let them shout from the top of the mountains. Let them give glory unto the Lord.	*Cantai ao Senhor um cântico novo e o seu louvor até às extremidades da terra, vós, os que navegais pelo mar e tudo quanto há nele, vós, terras do mar e seus moradores. Alcem a voz o deserto, as suas cidades e as aldeias habitadas por Quedar; exultem os que habitam nas rochas e clamem do cimo dos montes; deem honra ao Senhor e anunciem a sua glória nas terras do mar. (Isaías 42:10)*

Além da pontuação, outro recurso utilizado para caracterizar expressões do personagem é o destaque por meio da fonte usada no texto, por exemplo. Em inglês o *itálico* foi utilizado para marcar as expressões estrangeiras citadas pela Senhora Quem e, em outros casos, para dar ênfase nas falas de alguns personagens. Esse recurso também foi utilizado em português. A opção pelo itálico em lugar das aspas para marcar as citações se deve ao fato de tornar o texto fisicamente menos carregado de sinais gráficos.

Are *you* like Charles Wallace?	*Você* é como o Charles Wallace?
"Come on, calm down. *You* know it isn't true, I know it isn't true. And how *any*body after one look at your mother could believe any man would leave her for another woman just shows how far jealousy will make people go. Right?"	– Vem cá, calma. *Você* sabe que não é verdade, eu sei que não é verdade. Além disso, se *alguém*, mesmo depois de ver a sua mãe, pensa que um homem a deixaria por qualquer outra mulher só mostra até onde a inveja leva as pessoas. Não acha?

4.4. Retradução

Como dito anteriormente esse trabalho é uma retradução, pois “A Wrinkle in Time” já tem uma publicação em português, mas o objetivo central não é comparar a tradução já existente com a nova, aqui proposta. Entretanto, é inevitável que alguns trechos da primeira tradução sejam utilizados, inclusive para justificar a necessidade de uma nova tradução.

Além de todas as questões paratextuais já discutidas na teoria, como a publicação por uma editora cristã, por exemplo, que podem delimitar para a pequena repercussão da obra, acredita-se que, muitas vezes, a escolha lexical do tradutor ficou um pouco deslocada, considerando-se o público-alvo e ano da publicação, já que a tradução relativamente recente (2000). A seguir serão apresentados alguns exemplos:

a)

This has been the most impossible, the most confusing afternoon of my life, she thought.	“Essa foi a tarde mais impossível, mais **desconcertante** da minha vida”, pensava ela.	“Essa foi a tarde mais impossível, mais **confusa** da minha vida”, pensava ela.

A opção do tradutor por *desconcertante* para *confusing* pode ser questionada em dois aspectos. Primeiramente, *desconcertante* não é o termo correspondente e, além disso, a sua escolha não poderia ser justificada, por exemplo, pelo uso.

b)

Meg jerked up from the stone on which she was **perched**…	Meg saltou como um raio da pedra na qual estava **encarapitada**…	Meg levantou rapidamente do **alto** da pedra onde estava **sentada**…

Esse é um exemplo de como uma escolha lexical pode afetar a relação entre texto-leitor. A palavra “encarapitada”, por não ser usada com freqüência, principalmente, pelo público-alvo, poderia causar estranheza durante a leitura, além de dificultar a compreensão da cena.

c)

She could feel herself **blushing** and she wondered if the blush would be visible in the moonlight.	Sentiu o **sangue subir ao rosto** e se perguntou se o rubor seria visível à luz do luar.	Ela sentiu que **estava ficando vermelha** e se perguntava se daria para ver com a luz da lua.

Nesse caso, em ambas as traduções, optou-se por um tipo de explicitação na qual não foi utilizado um verbo equivalente como "corar", por exemplo. Na primeira tradução, contudo, o verbo foi substituído por uma definição pouco literária e usual. Já na segunda, a opção por "ficar vermelha" em vez de "corar" foi feita com o objetivo de evitar uma nova dificuldade tradutória que surgiria com a tradução de "blush".

4.5. Tradução de nomes próprios

A tradução de nomes próprios é uma questão bastante discutida, principalmente quando se trata de literatura infantil. Cabe ao tradutor, então, analisar diversos fatores para fazer a sua opção por traduzir ou deixar na língua original. Dentre esses fatores estão o propósito texto, a temática aborda e relevância dos nomes para a história e, ainda, a faixa etária do público alvo.

Considerando que o público-alvo de "A Wrinkle in Time" tem entre 12-14 anos, já tem informação suficiente a respeito de sua própria língua e, ao menos, uma noção de como se dá a relação intercultural, optou-se por manter grande parte dos nomes próprios em inglês: Meg Murry, Charles Wallace, Calvin O'Keefe, Sandy, Dennys.

Entretanto, há nomes que carregam em si um significado importante para a história e, por isso foram traduzidos. Entre eles estão: Mrs Whatist, Mrs Which e Mrs Who.

a)

Mrs Whatist	Senhora Queisso

A tradução de “Whatist” foi a que exigiu maior cuidado, porque não era simplesmente o pronome “Que” como no caso “which” e “Who”. Na verdade, nesse nome tem-se também uma pergunta e isso não poderia ser perdido no português.

A primeira opção seria traduzi-lo por “Oqueéisso”, mas assim se perderia a ideia de que os três nomes começam com a mesma letra. Então, “Queéisso” poderia ser uma alternatica, entranto a pronúncia não fluiria com muita facilidade, como acontece no inglês. Dessa forma, observando que no inglês o verbo é contraído (what is it), optou-se omiti-lo no português, ficando, assim, Senhora Queisso.

Nos outros dois casos, a tradução foi direta, pois nada seria perdido e ainda se manteria a inicial dos três nomes a mesma: Sra. Queisso, Sra. Qual e Sra. Quem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradução é, em um primeiro momento, uma ponte entre duas culturas possibilitando, assim, a difusão cultural em todo o mundo. Entretanto, o papel da tradução pode ir mais além. As obras traduzidas passam a influenciar as culturas de chegada. A forma como essa influência poderá ocorrer envolve diversos aspectos, no caso da literatura, presentes no sistema literário.

Neste trabalho foi realizada a retradução de *A Wrinkle in Time* de Madeleine L'Engle, com o principal objetivo de aproximar mais o livro do público brasileiro, visto que a obra já foi traduzida para o português e, apesar da sua repercussão internacional, não é muito conhecida no Brasil.

Partindo desse princípio, fez-se um estudo sobre a importante relação entre texto e público e todos os elementos que estão envolvidos nessa cadeia que se inicia no autor e só acaba no leitor. Aqui estão incluídos os fatores culturais, o background do autor, o repertório cultural do leitor, o propósito do texto e os paratextos.

No caso do livro "A Wrinke in time" e sua tradução brasileira, a observação dos elementos do sistema literário foi de fundamental importância porque, a partir dela, foi possível perceber já pela capa, por exemplo, as diferenças entre os propósitos da obra original e da obra traduzida.

A linguagem também foi um aspecto discutido neste trabalho e, a partir disso, foi proposta uma nova tradução, cujo foco principal era tornar a linguagem do texto mais próxima do seu público-alvo – crianças e adolescentes entre 12 e 14 anos.

REFERÊNCIAS

AKSOY, Berrin. *Translation as rewriting*: the concept and its implication on the emergence of a national literature.
Disponível em: <http://accurapid.com/journal/17turkey.htm>. Acesso em: 15/06/2011.

BARBOSA, Heloisa Gonçalves. *Procedimentos Técnicos da Tradução*: Uma nova proposta. Campinas: Pontes, 1990

BERMAN, Antoine. *A tradução e letra, ou, O albergue longínquo*. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007. 144p.

Bíblia online. Disponível em: <http://www.bibliaonline.com.br/acf/is/42>.

Acesso em: 14/06/2011

CARDOSO DE SOUZA, Micla. *Percursos tradutórios de três traduções em português de Alice's in wonderland*. UnB, Brasília, 2009

CRYSTAL, David. *Cambridge Encyclopedia of Language*, 2nd edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1997

GENETTE, Gerard. *Paratexts: thresholds of interpretation*. Cambridge University Press, 1997 - 427 p.

TAHIR-GÜRÇAGLAR, Sehnaz. *Retranslation*. In: Mona Baker (Ed.). Routledge encyclopedia of translation studies. London: Routledge, 1998

IRWIN, W. *What is an allusion?* The Journal of Aesthetics and Art Criticism, v. 59, n. 3, 287-297, 2001

LANDRES, Clifford E. *Literary Translation*: A Practical Guide. New Jersey City University

LAMBERT, José. *Literary translation*: research issues. In: Mona Baker (Ed.). Routledge encyclopedia of translation studies. London: Routledge, 1998

LEAL, Alice. *Funcionalismo e tradução literária*: o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos. Universidade Federal de Santa Catarina- *www.scientiatraductionis.ufsc.br/**funcionalismo***

OLMI, Alba. *Metodologia crítica da tradução literária*: duas versões italianas de Dom Casmurro. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001. 327P.

RÓNAI, Paulo. *A Tradução Vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SCHULTZE, B. *Spielarten der Intertextualität in literarischen Übersetzungen*. In: KITTEL, H. et al. (Hg.). Übersetzung-Translation - Traduction. Ein internationales Handbuch zur Übersetzungsforschung / An International Encyclopedia of Translation Studies / Encyclopédie internationale de la recherche sur la traduction. Bd. 1. Berlin: de Gruyter, 2004. 948-961.

SOUSA, Cristina. *TL versus SL Implied Reader*: Assessing Reeptivity when Translationg Children's Literature. Salford: University of Salford, 2002

SHAKESPEARE, William. *Mac Beth*. Disponível em: <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000170.pdf>.

Acesso em: 14/06/2011

SHAKESPEARE, William. *A Tempestade*. Disponível em: < http://xa.yimg.com/kq/groups/24111497/1350687048/name/William_Shakespeare_-_A_Tempestade.pdf>.

Acesso em: 14/06/2011

SparkNotes Editors. "*SparkNote on A Wrinkle in Time.*" SparkNotes.com. SparkNotes LLC. n.d.. Web. 20 Jun. 2011.

TZVETAN, Todorov. *Introduction à la littérature fantastique*. Paris: Éditions du Seuil, 1970

ZIPSER, Meta Elisabeth. Do fato à reportagem as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural. São Paulo, 2002